

A CERÂMICA CAMPANIENSE DO MONTE MOLIÃO, LAGOS. OS HÁBITOS DE CONSUMO NO LITORAL ALGARVIO DURANTE OS SÉCULOS II A.C. E I A.C.

THE CAMPANIAN CERAMIC OF MONTE MOLIÃO, LAGOS. CONSUMPTION PATTERNS IN ALGARVE COASTLINE DURING THE SECOND CENTURY BC AND THE FIRST BC.

VANESSA DIAS*

Resumo: A costa algarvia e em especial a actual cidade de Lagos foi, desde muito cedo, permeável aos contactos com as populações que habitavam o Mediterrâneo. O Monte Molião, demonstra uma longa diacronia na ocupação do espaço, constituindo um importante sítio indígena na Idade do Ferro, a partir da 1ª metade do século IV a.C. Dessa época, encontram-se no sítio, materiais provenientes da Baía de Cádiz e cerâmicas gregas de verniz negro. A ocupação acentua-se com a chegada das populações romanas, que se parecem ter instalado em torno dos finais da segunda metade do século II a.C. O conjunto de cerâmica campaniense do sítio, produção característica do período romano republicano, permite-nos a observação destes ritmos de instalação a partir do estudo intensivo sobre a sua chegada e a sua presença no Monte Molião.

Palavras chave: Monte Molião, romano republicano, campaniense

Abstract: The Algarve coast and particularly the city of Lagos was, very early, permeable to the contacts with the Mediterranean populations. The Monte Molião demonstrates a long diachrony in the occupation of space as an important site on the Iron Age, from the 1st half of the fourth century BC. Of this period are in place materials from the Bay of Cadiz and greek pottery. The occupation was accentuated with the arrival of the Roman people who seem to have installed around the end of the second half of the second century BC. The set of the campanian ceramic, characteristic of Republican Roman period, allows us to observe the installation rhythms from the intensive study on their arrival and presence at Monte Molião.

Keywords: Monte Molião, roman republican, Campanian ceramic

1. MONTE MOLIÃO

1.1. O sítio

Monte Molião está registado na base de dados ENDOVÉLICO com o Código Nacional de Sítio nº 11870. É um sítio classificado como imóvel de interesse público.

Localiza-se a ocidente do litoral algarvio, pertencendo, administrativamente, à freguesia de São Sebastião, Concelho de Lagos, distrito de Faro, na margem esquerda da Ribeira de Bensafrim, próximo da sua foz, dominando visualmente toda a baía de Lagos (Arruda *et al.* 2008: 139) (fig. 1)

O substrato geológico é composto por depósitos de areias vermelhas e seixos rubeificados do Plio-Plistocénico (Arruda *et al.* 2007: 2). Aqui, as terras são arenosas e maioritariamente constituídas por calcários, o que as torna férteis (Gomes 2004: 56).

* Arqueóloga e Investigadora. Correo-e: vsitimadias@gmail.com



Figura 1. Localização do Monte Molião, CMP 1: 25 000.

Os resultados obtidos através do projecto de investigação “MOLA – Monte Molião na Antiguidade” dirigido pela Dr^a. Ana Margarida Arruda, demonstraram que o Monte Molião foi ocupado desde os finais do século IV a.C., cronologia proposta, sobretudo, pela presença de vários fragmentos de cerâmica grega e a sua convivência com a cerâmica de tipo “Kuass” (Arruda *et al.* 2008: 164).

A ocupação de época romana republicana, dividida em duas fases de ocupação (Arruda e Pereira *et al.* 2008: 15), parece iniciar-se em meados da segunda metade do século II a.C., (Arruda *et al.* 2008: 165). A ocupação do sítio perdura até ao período dos Antoninos, sendo particularmente significativa na época Flávia (Arruda *et al.* 2008: 165).

Toda esta informação permite afirmar a existência de um significativo aglomerado populacional com grande poder de aquisição, conduzindo-nos para a possível localização da mítica *Laccobriga*, referida por Pompónio Mela que escreveu: «...no [promontório]

sagrado [localizam-se] Laccobriga e Portus Hannibalis...» (Mela, III, 1, 7).

A confirmação de que o sítio corresponde, efectivamente a este antigo *oppidum* indígena fortalece-se através dos resultados obtidos neste projecto de investigação, apesar da falta de fontes numismáticas e epigráficas que nos dêem um testemunho absoluto, “parece hoje possível defender, com alguma segurança, que nesta área se localizou um núcleo urbano que, na época romana, era conhecido por *Laccobriga*” (Op. Sit. Arruda 2007: 20) (fig. 2).

1.2. O conjunto de cerâmica campaniense

Nas cinco campanhas de escavações em Monte Molião, recolheram-se, nos três sectores alvos de intervenção, 570 fragmentos de cerâmica campaniense (Quadro 1), dos quais 281 são de cerâmica campaniense A, um é de cerâmica campaniense B etrusca, 268 são



Figura 2. Fotografia aérea do Monte Molião. Base fotográfica do Dr Rui Parreira.

cerâmica campaniense B de Cales e dez são de cerâmica campaniense de pasta cinzenta, estando, à semelhança dos outros sítios da mesma época do actual território português, a cerâmica campaniense C totalmente ausente.

Quadro 1. A cerâmica campaniense do Monte Molião

| Tipo | Frag. Classificáveis | Frag. n/ Classificáveis | Total |
|------------------------------------|----------------------|-------------------------|-------|
| Cer. Campaniense A | 137 | 144 | 281 |
| Cer. Campaniense B | 1 | 0 | 1 |
| Cer. Campaniense B de Cales | 166 | 102 | 268 |
| Cer. Campaniense De Pasta Cinzenta | 10 | 10 | 20 |
| | | | 570 |

No que diz respeito à representação desses diferentes tipos de Cerâmica Campaniense, a análise macroscópica das várias argilas e vernizes tornou possível a distinção de quatro grupos de fabrico

A percentagem do peso da presença desses quatro grupos de fabrico nos contextos arqueológicos foi aferida através da contagem do NMI. Ou seja, numa primeira leitura separámos os fragmentos classificáveis da amostra total e depois fizemos uma contagem da presença das formas de campaniense dentro dos contextos

republicanos. São estes últimos números que utilizamos na análise pormenorizada do conjunto.

1.3. Análise

De um total de 570 fragmentos, foi possível contabilizar 145 indivíduos nos sectores A e C, intervenções entre 2006 e 2011, do Monte Molião, representando 1/4 da amostra total (fig. 3).

A grande maioria foi exumada nos níveis estratigráficos do sector C. É também neste sector que se encontra o maior número de fragmentos em contexto, ou seja, em camadas seladas e com conjuntos de materiais que apontam para um momento de ocupação concreto.

Estão presentes no Monte Molião diversas formas de cerâmica campaniense A, situadas cronologicamente entre a segunda metade do século II a.C. e finais do século I a.C. (nº 1 a 28).

Este conjunto cerâmico apresenta uma pasta não-cálcarea, com fabrico em modo C, apresentando arrefecimento oxidante. As peças têm uma pasta rosada (2,5 YR 6/6 e 2,5 YR 6/8), com fracturas regulares. Esta argila é muito porosa, de grão muito fino e de forma arredondada, dura não sendo visíveis quaisquer inclusões de elementos não plásticos.

Os fragmentos estão cobertos por um verniz não vitrificado de cor negra, com reflexos metalizados, de cor azulada e acizentada, apresentando desgaste na superfície.

A cerâmica campaniense do tipo B de Cales é o tipo mais bem representado, 129 fragmentos classificáveis.

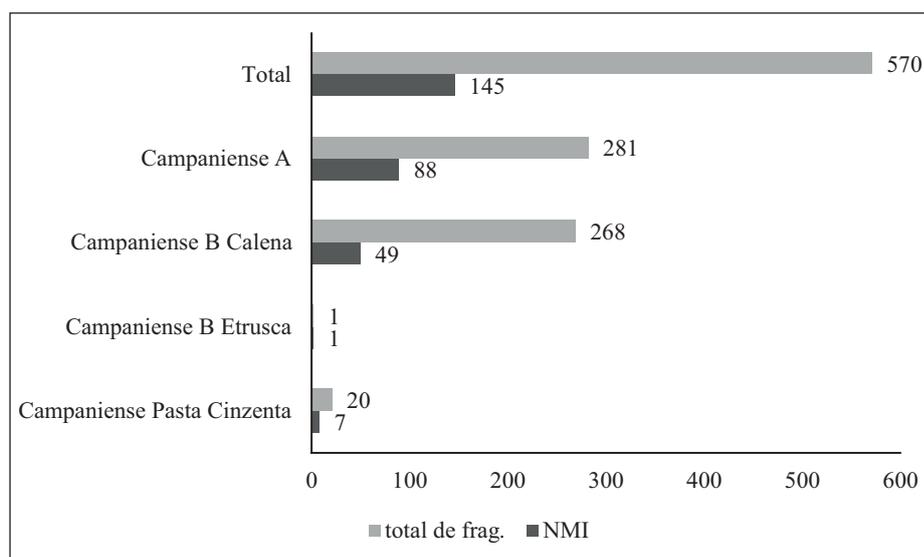


Figura 3. NMI da Cerâmica Campaniense do Monte Molião.

Em termos cronológicos, a sua presença localiza-se desde o início a finais do século I a.C. (nº 29 a 56).

O conjunto apresenta uma pasta não-calcária, bege amarelada (7,5 YR 8/4 e 7,5 YR 8/6), com fracturas um pouco irregulares, com cozedura em modo C, cozedura e arrefecimento oxidantes. A pasta tem textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada. Inclusões de muito pequenas dimensões, minerais negros e pequenas partículas de mica.

Os fragmentos estão cobertos por um engobe não vitrificado de cor negra, com manchas de várias tonalidades, variando entre o avermelhado, o azul e o esverdeado. Este encontra-se lascado.

Apenas um fragmento de todo o conjunto de cerâmica campaniense é do tipo B etrusco, cronologicamente integra-se no século II a.C. (nº 57).

Tem uma pasta não-calcária, muito depurada, cor de salmão (5 YR 8/6), fracturas muito regulares e cozedura em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento oxidantes. Textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada. Praticamente sem inclusões visíveis macroscopicamente.

O fragmento está coberto por um engobe não vitrificado de cor negra ou azulado, com grande qualidade e em bom estado de conservação.

Por fim, dez fragmentos passíveis de classificar morfológicamente fazem parte de uma classe cerâmica pouco estudada, a cerâmica campaniense de pasta cinzenta (nº 58 a 62).

Estes constituem-se por uma pasta não-calcária, acinzentada, de tonalidade mais clara ou mais escura (2,5 YR 6/1), com fracturas um pouco irregulares, com

cozedura em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento redutores. Têm uma textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada, com inclusões de mica, regulares e de forma arredondada.

Todos os fragmentos estão revestidos por um engobe não vitrificado, de cor negra e muito desgastado. Este apresenta-se mais espesso em alguns fragmentos.

1.3.1. A cerâmica campaniense do tipo A do Monte Molião

A cerâmica campaniense do tipo A encontra-se bem representada no sítio (figs. 4 e 5), correspondendo a 61 % de toda a amostra. Contabilizaram-se 88 indivíduos, sendo que a maioria dos fragmentos se concentra no sector C (fig. 3). O conjunto é também bastante diversificado em termos formais (fig. 6). As formas 5 e 5/7 de Lamboglia são aqui abundantes (nº 1 a 4), seguidas das 31 (nº 13 a 19) e 36 da mesma tipologia (nº 21 a 26), estando ainda representadas as formas 6 (nº 5 a 7), 8B (nº 8), 25 (nº 9 a 11), 27 e 27c (nº 12 e 20) e um fragmento de bojo da forma 3131 de Morel (nº 27).

O conjunto insere-se nas fases clássica e tardia de produção/distribuição destas cerâmicas no Mediterrâneo Ocidental (Adroher Auroux e López Marcos 1996: 14), balizadas cronologicamente entre meados do século II a.C. e os últimos decénios do século I a.C. Esta apreciação é feita a nível morfológico, uma vez que a nível técnico as possíveis diferenças entre a qualidade das pastas e dos vernizes não são visíveis, podendo as

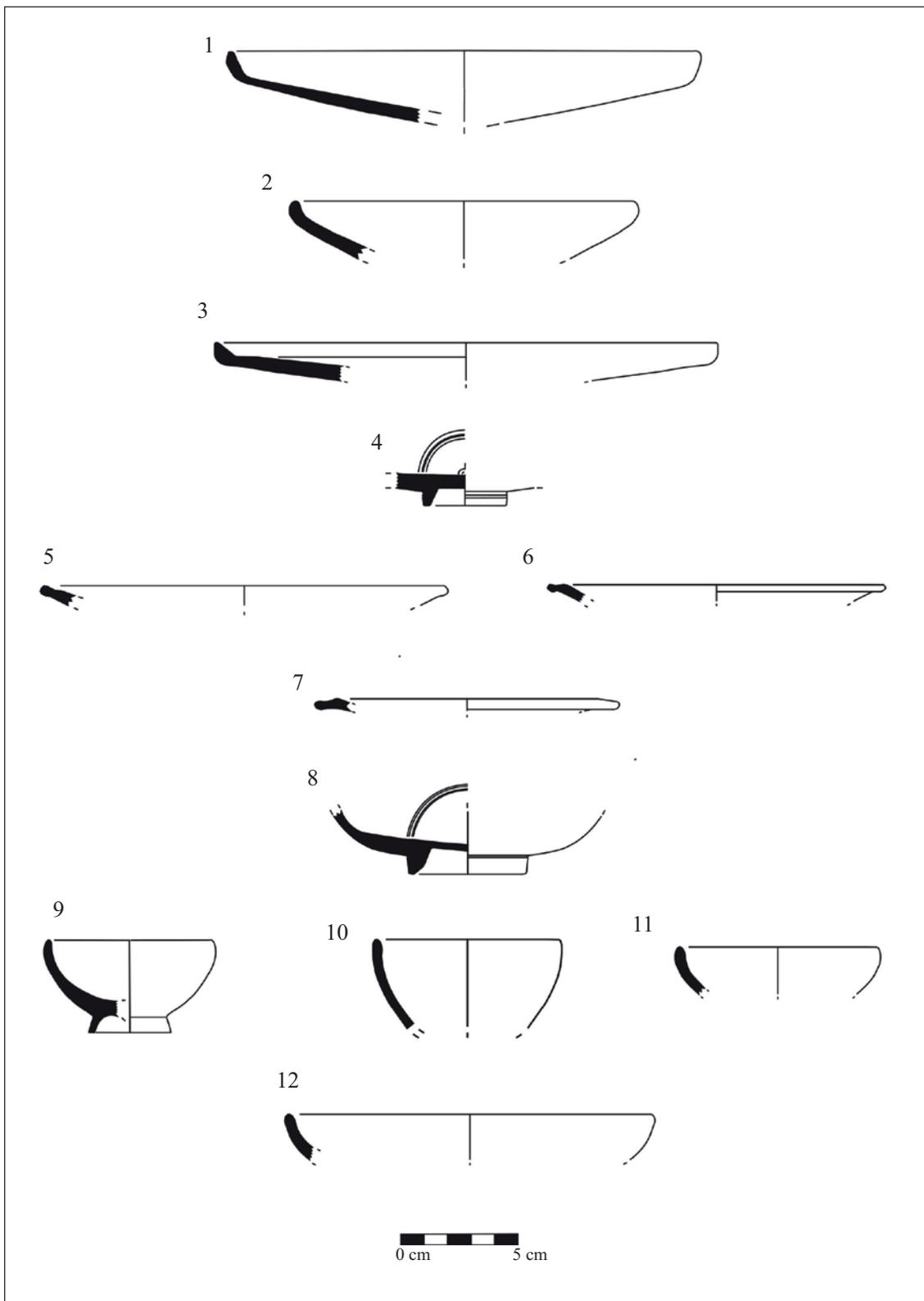


Figura 4. Cerâmica Campaniense do tipo A.

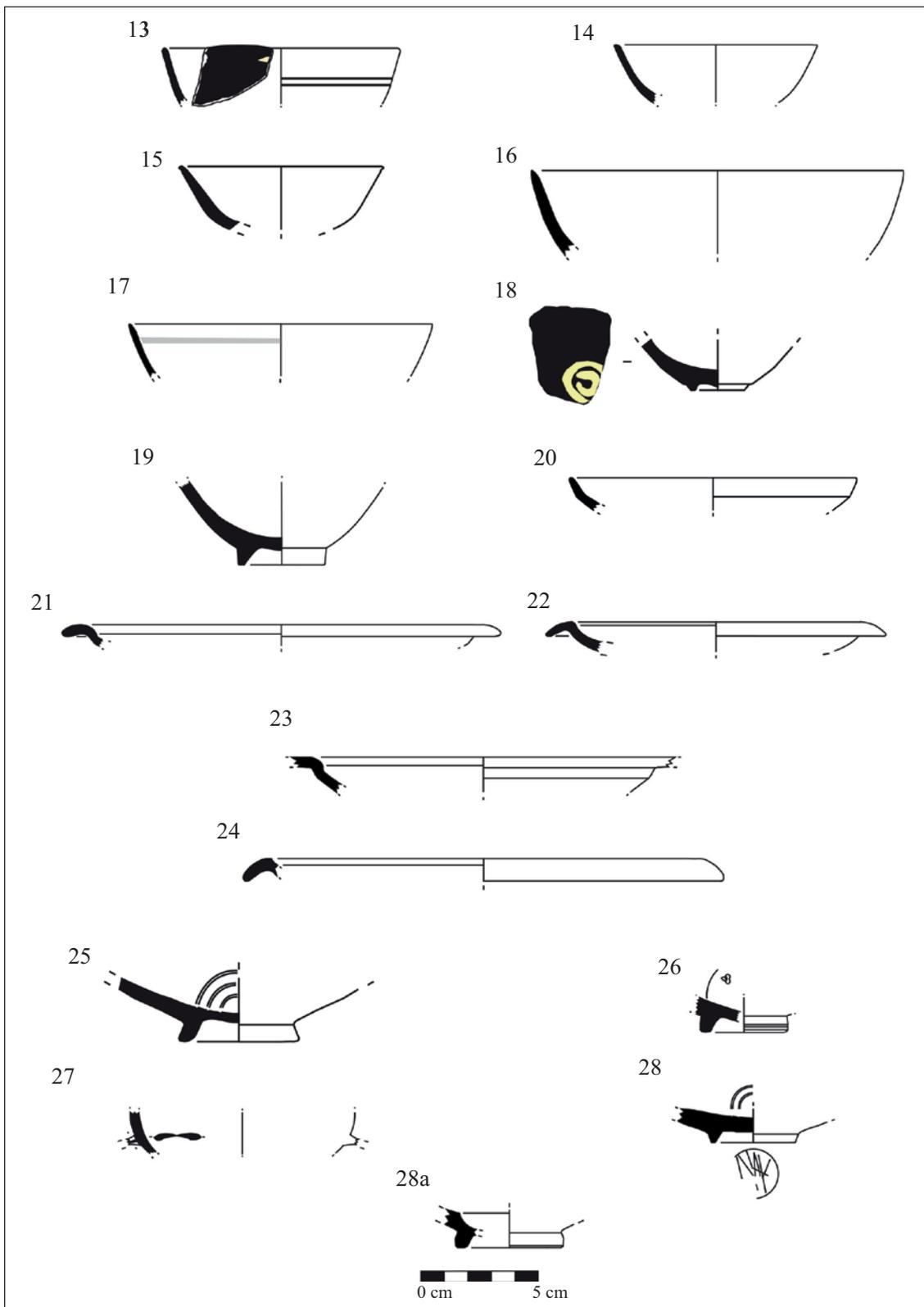


Figura 5. Cerâmica Campaniense do tipo A.

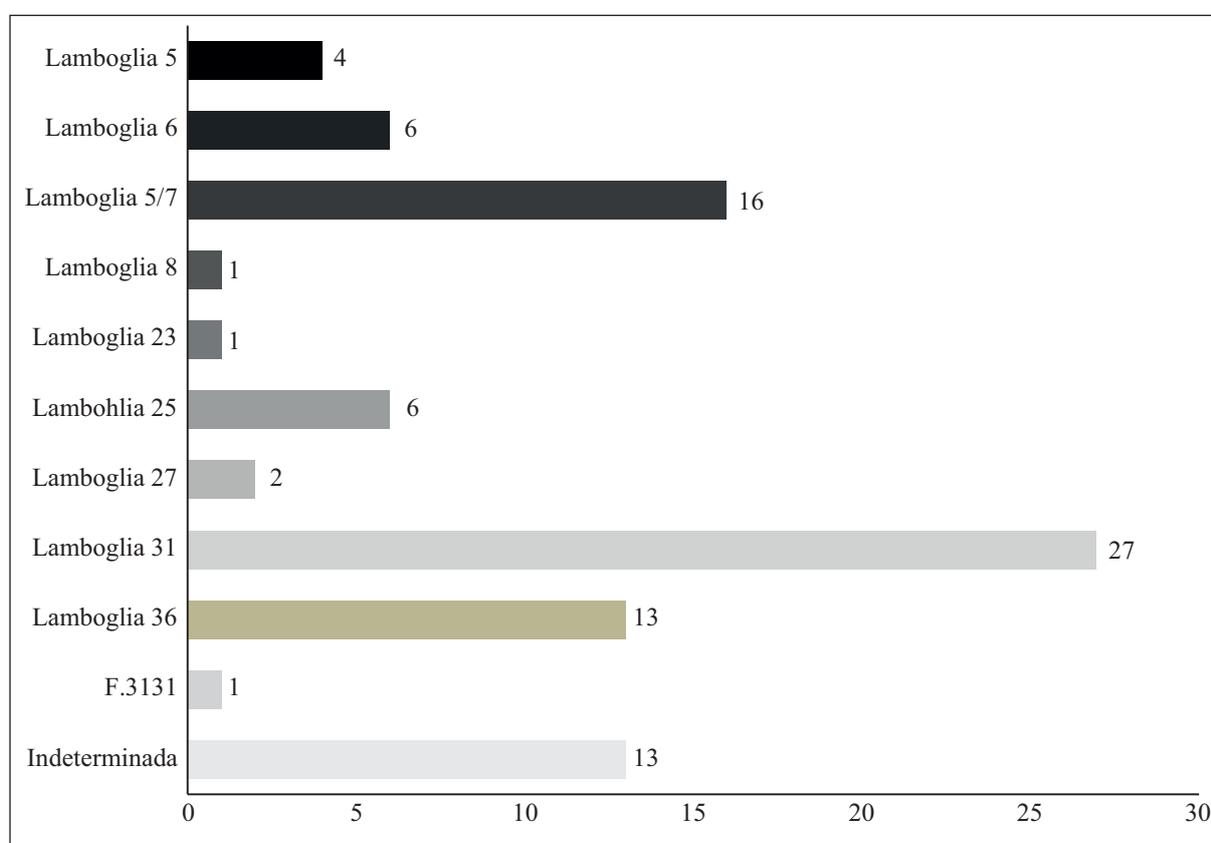


Figura 6. Cerâmica Campaniense A.

condições de deposição e de conservação dos solos influenciar essa observação.

Inseríveis no repertório formal da fase média ou clássica, temos o prato de peixe com o fundo canelado num semi-círculo 23 de Lamboglia (F1740) (nº 28a), o prato de fundo plano e bordo vertical esvasado e encurvado, 5 de Lamboglia (F2250) (nº 1 e 3), a pequena taça de paredes ligeiramente côncavas, 25 de Lamboglia (nº 9 a 11), duas taças com paredes encurvadas e de grande diâmetro do bordo, 27Ba e 27c de Lamboglia (F2820) (nº 12 e 20), a taça de grande diâmetro e profundidade, destinada a conter líquidos, Lamboglia 31 (F2960) (nº 13 a 19), a forma 36 (F1312), um prato de bordo horizontal e esvasado para o exterior (nº 21 e 26) e a forma 3131 de Morel, a taça com duas asas bifidas e simétricas (nº 27).

A fase tardia está representada pelas formas 5/7 de Lamboglia (F2250), prato de fundo plano e bordo vertical (nº 2 e 4), 6 de Lamboglia (F1440), prato de bordo horizontal e esvasado para o exterior (nº 5 a 7), a taça esvasada 8B de Lamboglia (nº 8) e um exemplar da forma 31 (F2980) de bordo biselado.

Quanto aos motivos decorativos, estes são concordantes com as produções da fase tardia de cerâmica campaniense do tipo A. Estão presentes os típicos círculos concêntricos em caneluras, impressos no fundo dos pratos 5/7, 36 e num exemplar da forma 8B de Lamboglia. Há ainda alguns exemplares com evidências da aplicação de *guilhoché* fino.

A pintura a branco está, também, bem presente na amostra, fazendo-se representar em bandas, no interior da peça, junto ao bordo, em três exemplares da forma 31 de Lamboglia (nº 13 e 17) e um da forma 6. São também recorrentes as caneluras, por vezes em número par, aplicadas no exterior do fundo (nº 4 e 26) e do bordo (nº 31) dos fragmentos,

O grafito, tendo como objectivo marcar a propriedade de determinada peça, está presente no fragmento nº 28, no seu fundo externo e parece-nos corresponder a três letras, um M, em nexa, um A e depois um V, podendo ler-se MAV.

Destacamos a ocorrência de apenas duas estampilhas, ambas conservadas no fundo interno de dois fragmentos, um da forma 5/7 e outro da forma 36 de

Lamboglia (nº 26). No primeiro caso, trata-se apenas de um motivo de forma circular no centro da peça. O segundo, semelhante a um às de espadas, parece corresponder ao tipo 2748 da Lattara (PY, 1993).

1.3.2. A cerâmica campaniense do tipo B caleno do Monte Molião

As produções provenientes de Cales representam cerca de 34% da amostra, perfazendo um total de 49 indivíduos, sendo um dos tipos com maior expressão quantitativa no sítio, com grande maioria dos exemplares provenientes do sector C (figs. 7 e 8).

Morfologicamente, o conjunto apresenta grande diversidade formal (fig. 9). Os pratos das formas 5, 7 e 5 - 7 de Lamboglia são claramente dominantes face às outras morfologias (nº 29 A 39). A forma 1 tem, também, uma larga expressão dentro do conjunto (nº 40 a 46) e estão ainda presentes, ainda que em quantidades residuais, as formas 2 (nº 47 a 49), 3 (nº 50 a 52), 4 (nº 53) e 8 de Lamboglia, e um fragmento de bojo da forma Pasquinucci 127 (nº 54). Apenas quatro fragmentos de fundo não possuem correspondência tipológica (figura 9).

Os nº 33 e 34 representam a forma 5 de Lamboglia (F2250), o prato esvasado com as paredes curvas. Já os nº 29 a 32 inserem-se na sua variante de paredes rectas, ligeiramente esvasadas e com carena demarcada, forma 7 de Lamboglia (F2270). Destes, referimos particularmente o nº 32, que, além dos pormenores anteriormente referidos, possui um bordo moldurado e ligeiramente esvasado, podendo fazer parte de uma produção tardia desta forma.

Contudo, a maioria dos exemplares levanta dúvidas quanto à sua plena inserção nestas duas categorias, pois possuiu características comuns a ambas. São, na maioria, fragmentos que começam a apresentar uma ligeira demarcação na parede, que já não é tão curva como na forma 5, mas também não é completamente recta. Assim, evitando classificações erróneas, optámos por classificar estas peças como 5 - 7 de Lamboglia (F2250) (nº 33 e 34), bem como os fundos, que possuem todos um pé moldurado, 36 a 39).

A forma 1 de Lamboglia (F2322-23) corresponde a 17 fragmentos. Está presente a sua variante mais típica, a taça que apresenta dois pequenos sulcos junto ao bordo (42 e 43). O 41 exhibe apenas um sulco, também junto ao bordo. A variante mais antiga está representada por quatro exemplares sem qualquer ranhura (nº 40). O fundo nº 46, com uma carena bem demarcada no final

da parede, parece-nos ser também exemplo deste fabrico mais antigo.

Os copos encontram-se representados pelas formas 2 (F1222) (nº 47 a 49) e 3 (7557) (nº 50 a 52) de Lamboglia. Há ainda a ressaltar um fragmento da forma Pasq. 127(F3121-22) (nº 54), passível de se encontrar nas produções mais antigas de meados século II a.C., até às mais tardias produções de Cales, finais do século I a.C. (Roca Roumens e Fernández García 2005: 56).

Os motivos decorativos consistem nos típicos círculos concêntricos em caneluras, impressos no fundo das taças 1 e dos pratos 5 -7 (nº 36 a 39, 42 e 43). O *guilhoché* fino preenche o interior destes círculos, sendo frequente nas formas 5-7 de Lamboglia, por vezes desenhando várias linhas entre os círculos (nº 37 a 39), ou mesmo uma decoração profusa de longos traços (nº 36).

As linhas incisivas, por vezes em número par, no exterior do fundo (37) e do bordo, têm também alguma representação, especialmente na forma 1 de Lamboglia e num exemplar da forma 3 da mesma tipologia (nº 50).

Neste grupo, as estampilhas são inexistentes. Refiro apenas a possível existência de um grafito, de forma amendoada, impresso no fundo da peça nº 42.

Refira-se, ainda, a peça nº 56, um fragmento de cerâmica campaniense afeiçoado e reaproveitado enquanto peça de jogo.

Com excepção do fragmento nº 54, todas as peças, através da sua morfologia e decoração, remetem, para uma cronologia balizada entre o terceiro ou último quartel do século II a.C. e terceiro quartel do século I a.C, enquadrando-se na fase média e tardia da campaniense B de Cales.

1.3.3. A cerâmica campaniense do tipo B Etrusco do Monte Molião

Apenas um fragmento corresponde as produções campanienses oriundas da Etrúria, sendo a sua representação no sítio apenas episódica (Quadro 1). Esta peça insere-se na forma 4 de Lamboglia (F1413-14), produzida entre 125 a 25 a.C. (fig. 10, nº 57).

1.3.4. A cerâmica campaniense de Pasta Cinzenta do Monte Molião

Os exemplares de cerâmica campaniense de pasta cinzenta representam uma minoria no conjunto, cerca de 7%, contabilizando-se apenas seis indivíduos, todos exumados no sector C (fig. 11).

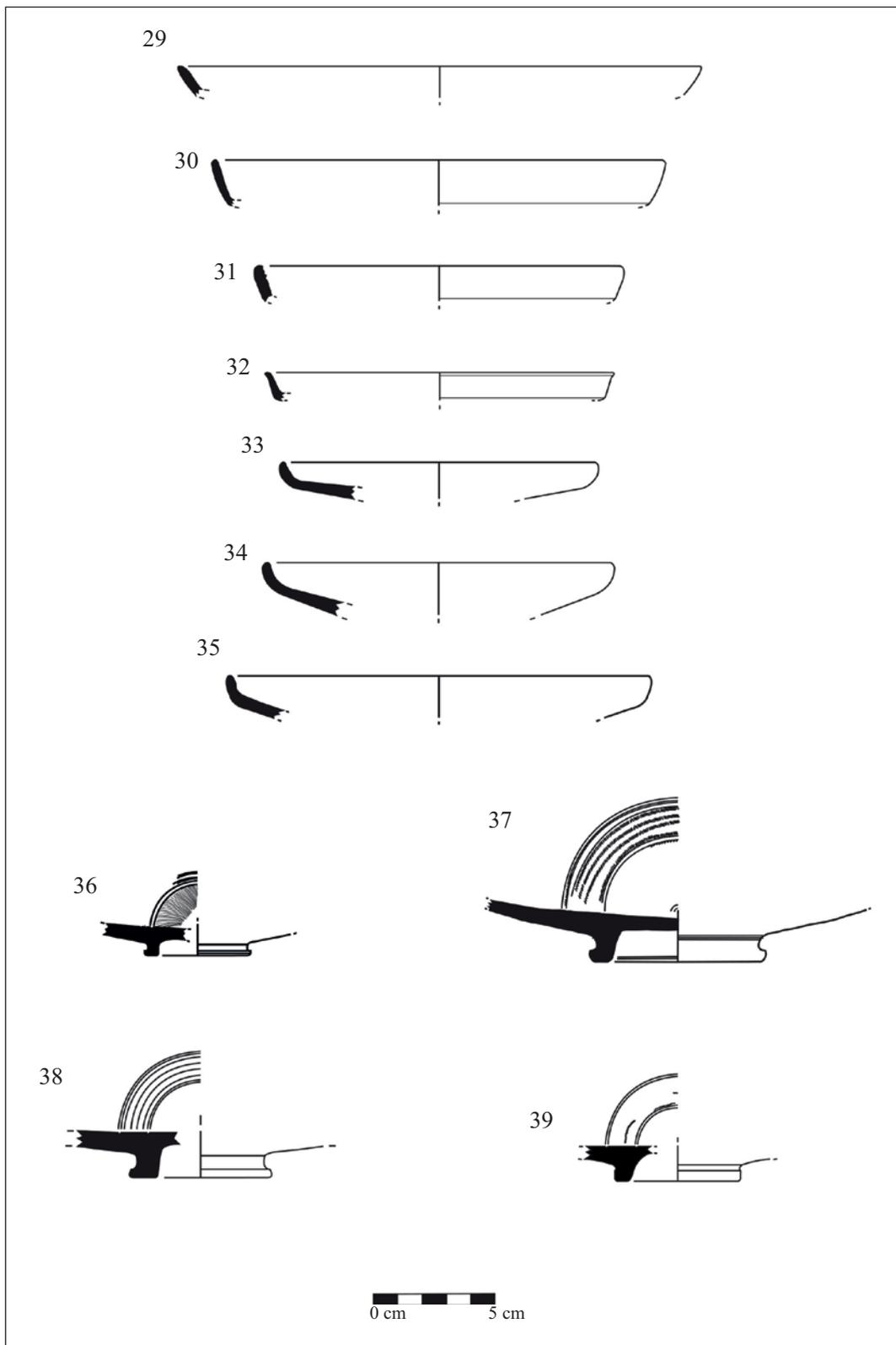


Figura 7. Cerâmica Campaniense do tipo B de Cales.

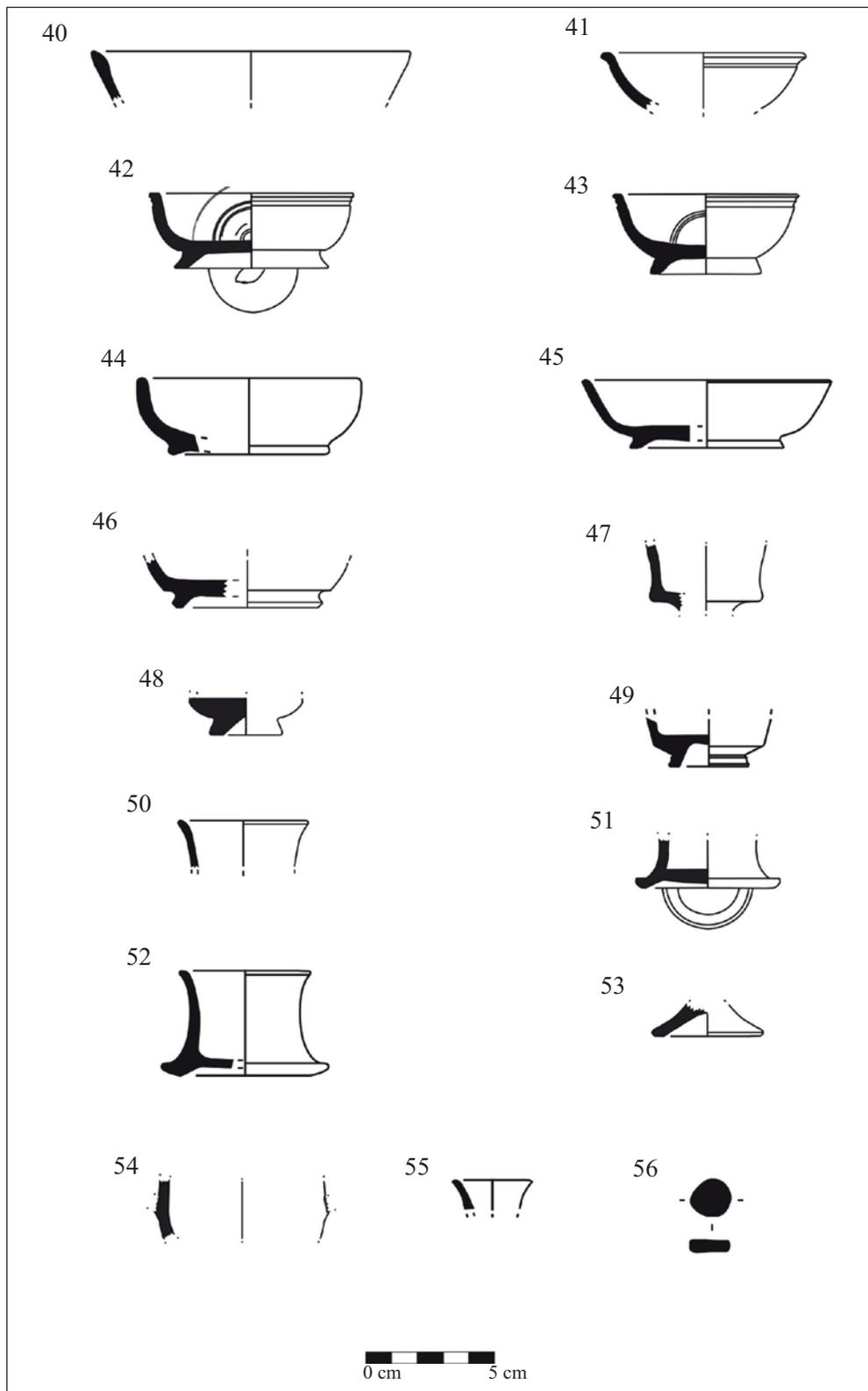


Figura 8. Cerâmica Campaniense do tipo B de Cales.

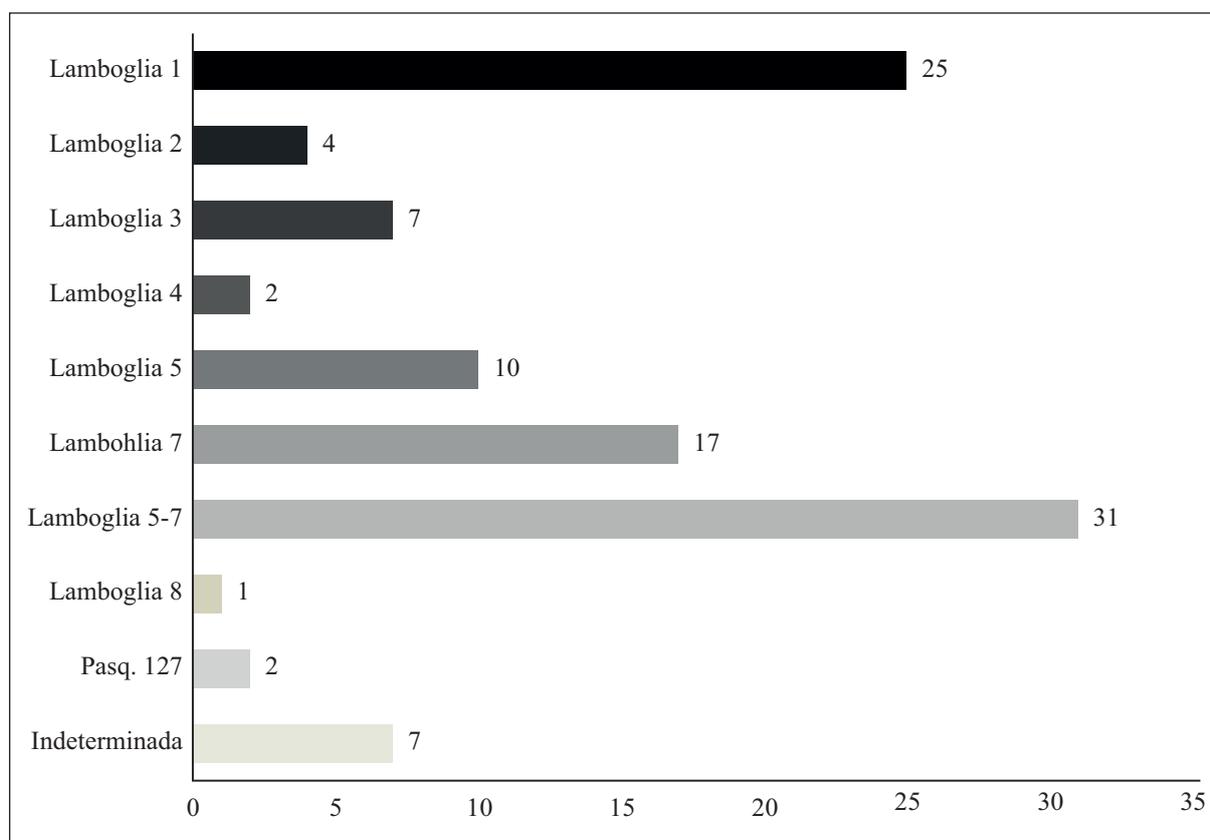


Figura 9. Cerâmica Campaniense B de Cales.

Em termos tipológicos, as formas 5 e 5-7 de Lamboglia (F2250) (nº 58 e 59) têm uma maior representatividade, ocupando 60% da amostra total, com cinco fragmentos de bordo e um de fundo. Como presença unitária, registre-se um fragmento de bordo espessado que parece pertencer a uma taça hemisférica da forma 2312 de Morel e um fundo da forma Lamboglia 3 (nº 60).

O conjunto parece ser originário do Guadalquivir, entrando em concordância com as características formais das peças aí produzidas nos inícios do século I a.C. até finais do mesmo (Ventura Martínez 2000: 185), estando também de acordo com a presença maioritária de contentores anfóricos e de cerâmica comum originários dessa região no Monte Molião, assunto que mais adiante desenvolverei (fig. 12).

A decoração encontra-se praticamente ausente neste conjunto, contudo, destacamos a peça nº 61, um bojo que apresenta quatro caneluras verticais no seu exterior. Esta aparenta ser uma forma fechada, que, porém, não foi possível classificar mais concretamente.

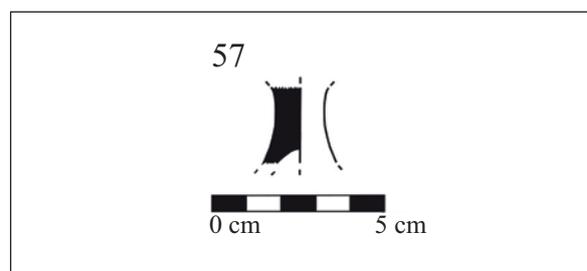


Figura 10. Cerâmica Campaniense do tipo B Etrusco.

1.4. Discussão dos contextos

1.4.1. Sector A

Na vertente Este do Molião, junto à estrada de acesso ao monte, localiza-se o Sector A, a maior das três áreas alvo de intervenção. Somente em 2009 foram, aí, identificados contextos datáveis do período romano republicano. O seu estado de conservação é reduzido, pois estes foram cortados pela construção do

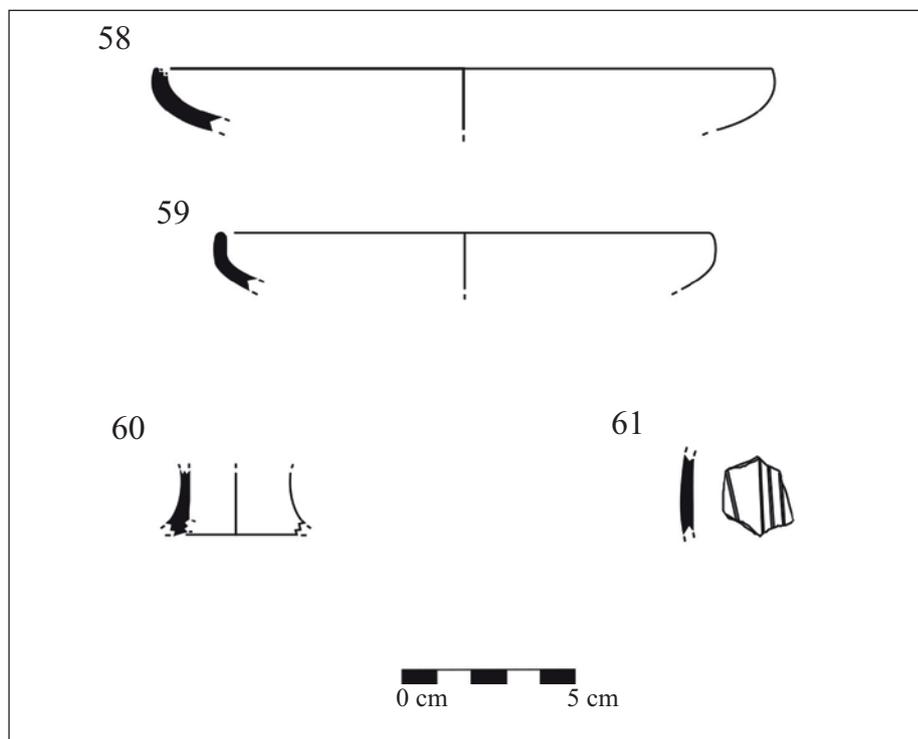


Figura 11. Cerâmica Campaniense de Pasta Cinzenta.

estradão, nos anos 80 do século XX e afectados pelas construções de época imperial (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 12-13) (fig. 13).

Contudo, foram identificadas oito unidades estratigráficas, contendo cerâmica campaniense, inseríveis nesta cronologia, na maioria relacionadas com um espaço habitacional denominado compartimento 2 (fig. 14). Assim a U.E. [162], um sedimento castanho avermelhado, argiloso e compacto e a U.E. [159], uma argila vermelha alaranjada, rígida e regular que compõe o topo do compartimento 2 republicano, correspondem a estratos de entulhamento, representando o momento de abandono do espaço.

As U.E.s [159], [165], [172] e [184], todas elas estratos de derrube ou entulhamento, remetem para um aterro rápido, e talvez, repentino, do interior desta área, já que atravessando estes quatro estratos se encontraram recipientes cerâmicos inteiros e *in situ*, por exemplo ânforas do tipo Dressel 1 de produção itálica. Esta realidade pode remeter para o abandono do espaço ou para uma remodelação do mesmo, hipótese que não é fácil de confirmar, devido á afectação destes níveis pela implantação do edificado romano imperial (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 13).

Coberta pelas camadas anteriores, a U.E. [197] é composta por pedras calcárias de grande e média

dimensão e *tegulae*, colmatadas por um sedimento castanho, correspondendo a um derrube, sob o qual se identificou, efectivamente, um nível de utilização, U.E. [191]. Este, um piso de argila composto por um sedimento castanho esverdeado, regular e compacto, onde foi exumado um conjunto de materiais com um elevado grau de conservação, nomeadamente, cerâmica do tipo *Kuass*, cerâmica campaniense do tipo A, *Kalathos* Ibéricos e uma ânfora Maña C2 Norte Africana (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 14).

Sob este piso de argila, foi identificado um pavimento de calcário desagregado, U.E.s [194], com uma lareira, [198] e uma zona de forja, [195] que poderão estar relacionadas entre si. Este estrato parece corresponder ao primeiro momento de instalação em época romana republicana, já que os níveis anteriores correspondem à II Idade do Ferro (*id ibidem* 2009: 15).

Os dois pisos, U.E.s [191] e [194], possuem uma relação evidente com as estruturas [208] e [169], que limitam o compartimento 2 a Sudeste e a Noroeste. Ambas, juntamente com a estrutura [189] documentam um momento coevo de ocupação do espaço habitacional, podendo fazer parte de um mesmo edifício (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 14).

Dentro das diversas categorias cerâmicas aí presentes, a cerâmica comum corresponde a 51% do número de

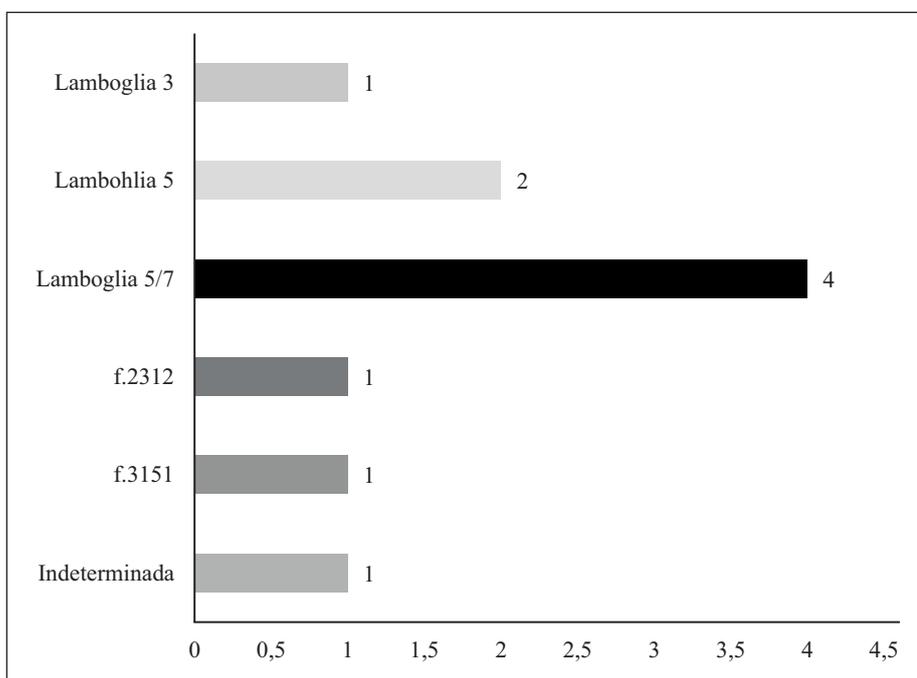


Figura 12. Cerâmica Campaniense de Pasta Cinzenta.

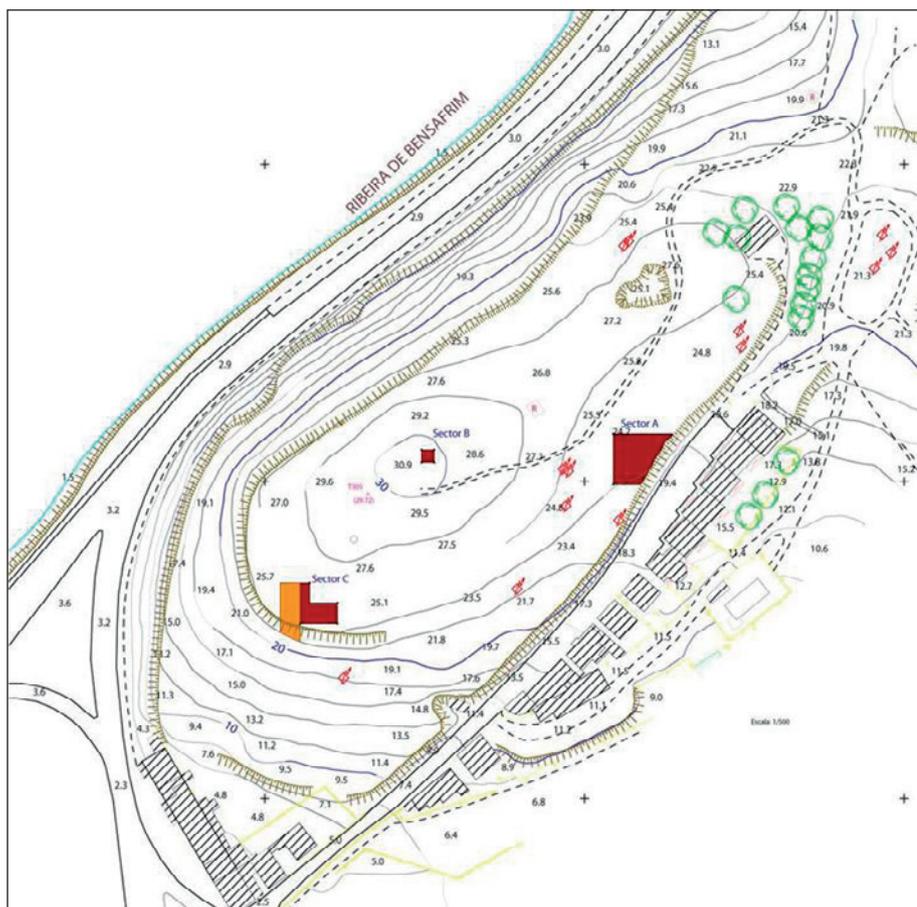


Figura 13. Implantação topográfica dos sectores A, B e C.

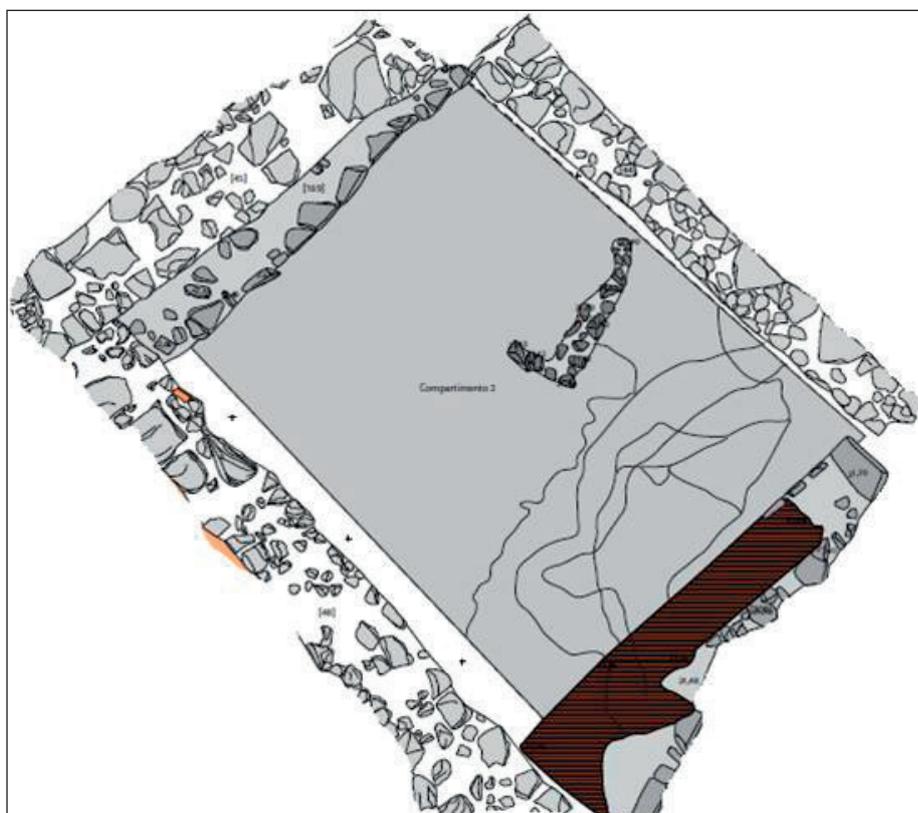


Figura 14. Pormenor do compartimento 2 no sector A.

fragmentos total, representando mais de metade do conjunto. As três classes de cerâmica campaniense possuem um peso de 21%, seguidas pelos recipientes ânforicos. A cerâmica de tipo *Kuass* é a que tem menor representação nos contextos do período republicano (fig. 15).

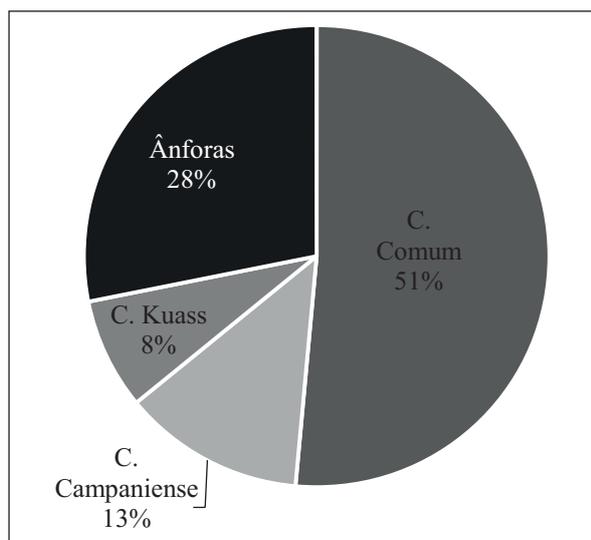


Figura 15. Contextos gerais no Sector A

De um total de 53 fragmentos (NMI) de cerâmica comum, a grande parte, 45, insere-se nas produções de pasta calcária provenientes da área da baía de Cádiz, sendo que apenas oito pertencem a fabricos locais/regionais. A morfologia é diversificada (*id ibidem* 2009: 18).

Nas ânforas predominam as Dressel 1, utilizadas no transporte do vinho itálico, na sua variante mais típica, havendo contudo alguns exemplares de transição, ainda com semelhanças com o tipo greco-itálico. Assinala-se ainda a presença do tipo Maña C2, mais concretamente T7.4.2.1 e T7.4.3.1 de Ramón Torres (1995), recipientes típicos dos contextos cronológicos do século II a.C. e meados do século I a.C. (*id ibidem* 2009: 18).

A ânfora Castro Marim 1 possui, também, alguma representatividade dentro destes níveis. Em quantidades menos significativas, estão presentes os tipos Tripolitana antiga e fragmentos de Greco-Itálica (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 18) (fig. 16).

No que diz respeito à cerâmica fina que comporia o serviço (NMI) de mesa desta época, a campaniense é dominante, face aos oito fragmentos de *kuass*, cujas formas mais frequentes são o prato de peixe da forma II e a forma IX de Niveau de Villerdary y Mariñas (*id ibidem* 2009: 18) (fig. 17).

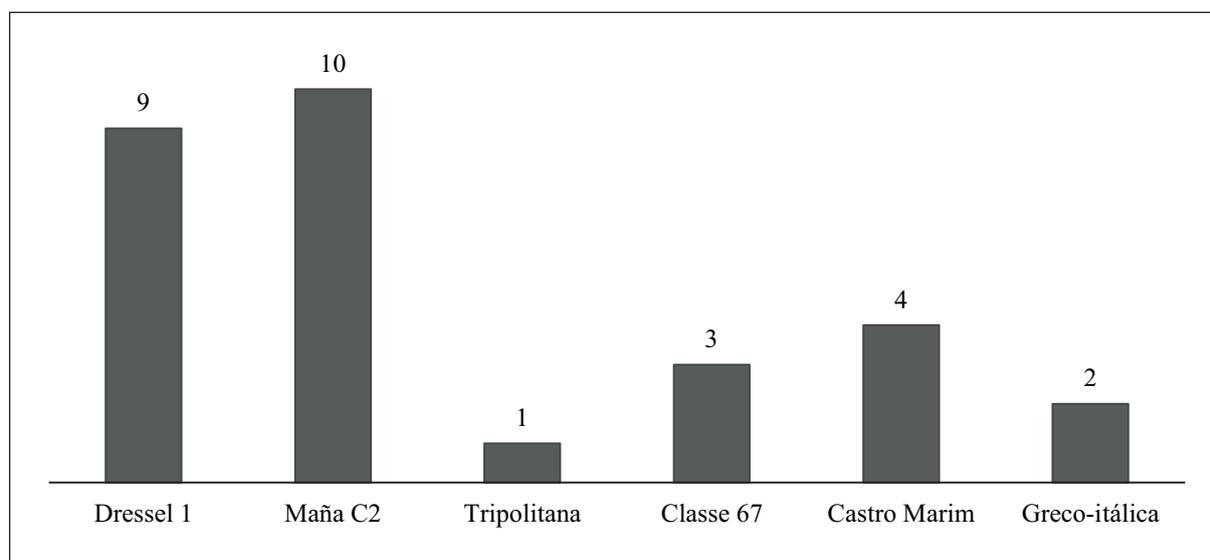


Figura 16. Ânforas nos contextos do Sector A (NMI).

1.4.2. Sector C

É no Sector C, localizado na área mais a Sul do Monte Molião, que se encontram conservados grande parte dos níveis estratigráficos de época romana republicana. Contam-se 49 unidades estratigráficas, contendo fragmentos de cerâmica campaniense, cuja correlação e congruência dos materiais datantes permitem estabelecer uma cronologia para o início da ocupação em torno do terceiro quartel do século II a.C. (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: 28) (fig.13).

Na campanha de 2008 puseram-se a descoberto vários compartimentos articulados entre si, orientados no sentido Nordeste/Sudeste e estruturados em torno de uma área exterior (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: 14 a 16; Arruda e Pereira 2010). Em 2011, efectuou-se uma pequena extensão neste sector, que possibilitou uma melhor compreensão destes vestígios.

Estas estruturas inserem-se em duas fases distintas de ocupação, temporalmente próximas, definidas a partir da reestruturação e reutilização dos espaços domésticos. A mais recente é aquela que mais vestígios conserva e foi designada de fase II, distinguindo-se funcionalmente da fase I, a mais antiga do período republicano (*id ibidem* 2008: 14 a 22; Arruda e Pereira 2010) (fig.18).

Devido à conservação dos vestígios deste período, foi possível estabelecer o seu enquadramento com as estruturas dos ambientes habitacionais existentes no sítio.

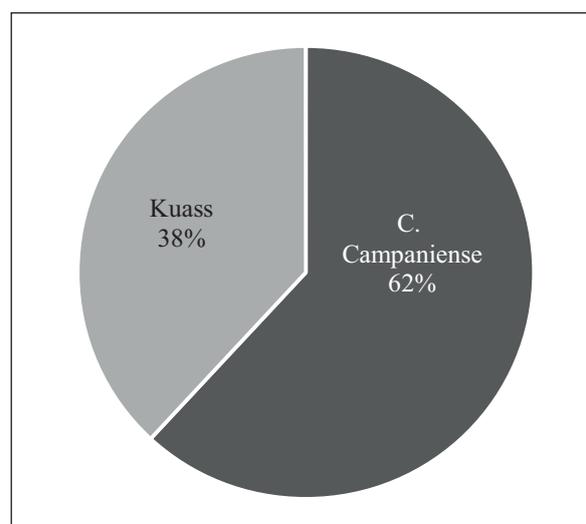


Figura 17. Cerâmica de mesa nos contextos do Sector A (NMI).

Relacionadas com o compartimento 10, encontram-se 18 unidades estratigráficas. Os níveis [1260] e [1262], com sedimentos de tonalidade castanha clara, compactos e regulares apontam para um momento de abandono ou remodelação da fase mais tardia da ocupação republicana (fase II) (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: 16).

A U.E. [1264], um sedimento castanho compacto correspondente a enchimento de fossa, a U.E. [1269], correspondente a um estrato de aterro com posterior



Figura 18. Planta geral do Sector C.

utilização enquanto pavimento, de tom castanho alaranjado, com uma composição rígida e compacta (*id ibidem* 2008: 16), a U.E. [1279], um enchimento de fossa com sedimento de cor castanha, a U.E. [1281], com um sedimento castanho alaranjado, rígido e compacto e a U.E. [1293], sedimento solto de tonalidade castanha

alaranjada correspondente a um enchimento de vala, documentam os momentos de construção e utilização do espaço nesta segunda fase da presença romana.

As U.E.s [1285], uma camada argilosa de cor laranja, [1295], um sedimento castanho enegrecido coberto pela U.E. [1297], um sedimento alaranjado, compacto e

irregular, [1299], um sedimento de tom alaranjado, compacto e irregular, [1300], um enchimento de vala de cor castanha escura, decomposição compacta e regular e [1337], estrato de argila castanho alaranjado, pertencem já à primeira fase de ocupação em época romana-republicana do Monte Molião posta a descoberto no sector C.

Estes níveis estratigráficos compõem a fase de abandono do sítio, aliás, registam-se no interior deste compartimento várias formações antrópicas, correspondentes a estratos de derrube, as U.E.s [1298], [1318] e [1323] (*id ibidem* 2008: 19).

Probatórias da primeira fase de instalação dos contingentes romanos no sítio são as camadas estratigráficas, [1308], um sedimento arenoso e regular de tonalidade castanha, sobre o qual assentava um dormente de calcário destinado à moagem dos metais, [1326], sendo que esta área estaria destinada à actividade metalúrgica (Arruda e Pereira 2010). Um sedimento castanho amarelado, compacto e rígido, [1327], um solo arenoso, solto e enegrecido, interpretado como vestígios de lareira, [1329], um sedimento argiloso alaranjado, compacto e regular e a [1392], um estrato de derrube coberto pela U.E. [1308].

No compartimento 11 encontramos correlação com a sequência ocupacional do compartimento 10. Aí, sob um sedimento castanho alaranjado, U.E. [1261], encontra-se um nível de derrube utilizado posteriormente enquanto piso de utilização, este sedimento pouco compacto e regular, castanho avermelhado, U.E. [1158].

Estes estratos, juntamente com as U.E.'s [1202], composta por um sedimento cinzento acastanhado, regular e

compacto, e [1287], uma camada argilosa castanha alaranjada, compacta e regular, constituem a fase II do período republicano, sendo que os estratos [1262] e [1287] atestam o abandono deste compartimento.

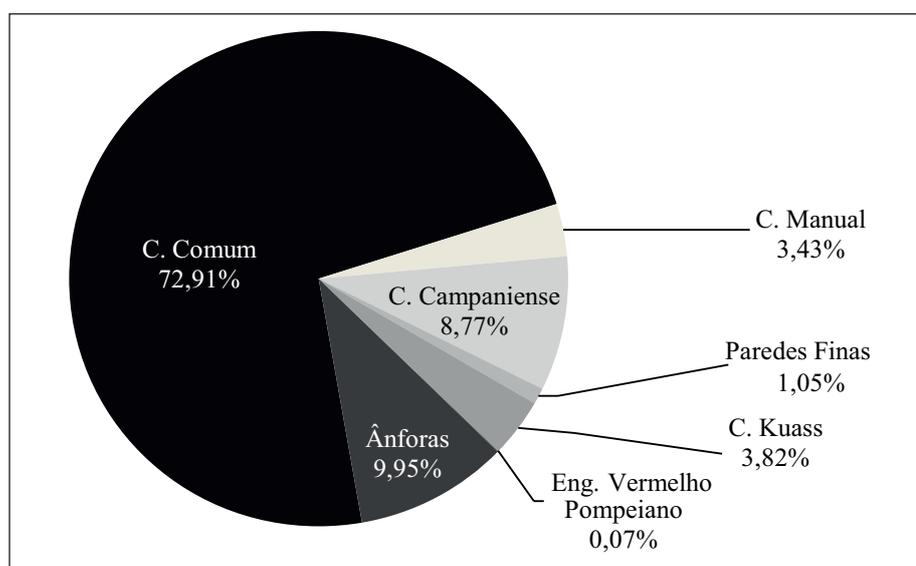
A fase I é aqui documentada através de dois níveis de aterro, a U.E. [1303], um sedimento castanho alaranjado, compacto e ondulado, a U.E. [1354], um sedimento castanho amarelado, compacto e regular e um grande estrato de derrube, [1389].

O compartimento 12 surge de uma remodelação feita na fase II da ocupação. A cerâmica campaniense está presente no seu estrato de abandono, U.E. [1304], um sedimento castanho claro, compacto e regular, de derrube, U.E. [1325] e no seu possível piso de utilização, U.E. [1346], um sedimento de tom castanho alaranjado, compacto e regular.

Uma situação cronológica análoga regista-se nas unidades estratigráficas [1273], [1274], ambas estratos de lixeira e [1276], um sedimento bastante vermelho, rígido e regular, que parece corresponder a uma base de lareira. Todas assentam directamente sobre os níveis da Idade do Ferro (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: 17). A sua utilização data da fase mais recente do período republicano, correspondendo à área exterior junto à habitação romana republicana.

Aí estão representadas várias categorias cerâmicas. A cerâmica comum compõe a maioria da amostra, seguida pelo verniz negro, que perfaz 8,77% do conjunto, e pelos contentores ânforicos. Em menor quantidade, estão os fragmentos de paredes finas, *Kuass*, engobe vermelho pompeiano e cerâmica manual (fig. 19).

Figura 19. Contextos gerais no Sector C.



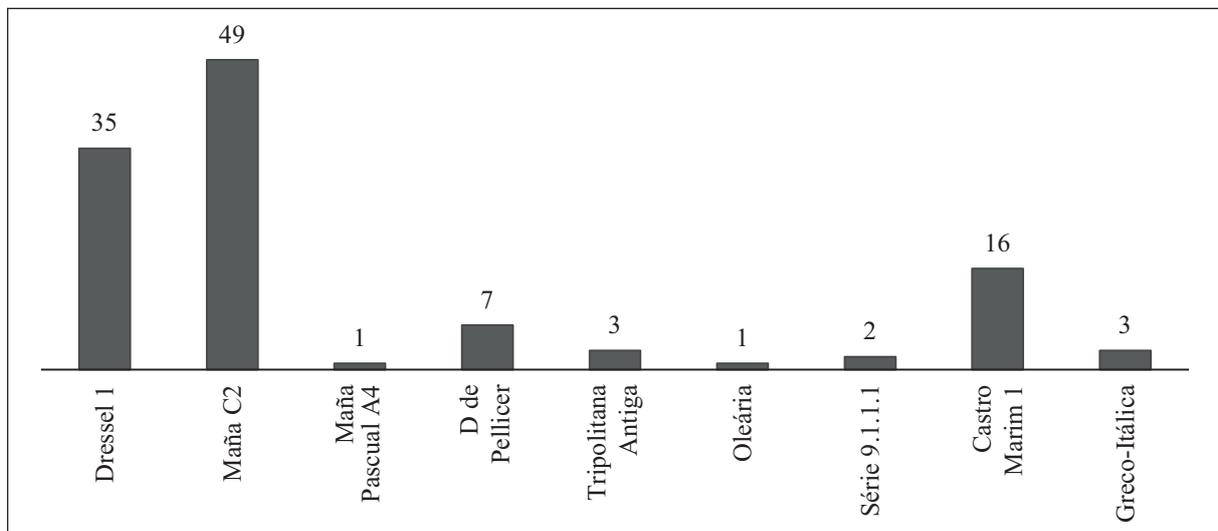


Figura 20. Ânforas nos contextos do Sector C (NMI).

Os fragmentos correspondentes às produções comuns representam 72,91% do conjunto total dos materiais dos mesmos depósitos estratigráficos em que a cerâmica campaniense se encontrava. Registe-se que, dos exemplares de cerâmica comum, grande parte dos fragmentos são provenientes da Baía de Cádiz, seguidos das produções locais e/ou regionais e apenas pouco mais de uma dezena representam as produções comuns itálicas.

No que respeita aos contentores ânforicos, estão presentes variadas formas, todas elas enquadráveis dentro do universo cronológico do século II e I a.C.,

contudo com a clara predominância de alguns fabricos. Proveniente da Baía de Cádiz, a ânfora do tipo Maña C2 domina no que diz respeito aos contentores transporte de preparados piscícolas para o Monte Molião.

Do conjunto das ânforas vinárias, destaca-se a produção de origem Itálica, Dressel 1, representando 35 indivíduos, um valor claramente inferior comparado com o número de indivíduos obtido através da cerâmica campaniense dos tipos A e B Calena, considerados os produtos subsidiários dos navios que importavam o seu vinho para o Mediterrâneo. Destes recipientes de transporte, destacamos ainda a presença de Castro Marim 1, ainda com um peso relevante no sítio e de três fragmentos de Greco-Itálica antecessora da ânfora Dressel 1 (fig. 20).

A par da cerâmica campaniense, nestas unidades encontram-se outras cerâmicas finas e de mesa. O verniz negro encontra-se em predomínio dentro do conjunto, a cerâmica do tipo “Kuass” compõe-se por 58 indivíduos, sendo o segundo maior grupo. Apenas 16 exemplares são representativos da presença da cerâmica de paredes finas no sítio e os pratos de engobe vermelho pompeiano são raros, contando-se apenas um bordo (fig. 21).

A mais antiga fase da ocupação romana apresenta apenas ligeiras diferenças ao nível do espólio quando comparada com a fase II. Os materiais aí presentes são típicos deste período. Nas unidades estratigráficas correspondentes à fase I, as importações de cerâmica campaniense de tipo A são maioritárias, representando 73,75 % face aos 22,50 % da produção calena, os de pasta cinzenta representam apenas 3,75% e os tipos etrusco são inexistentes.

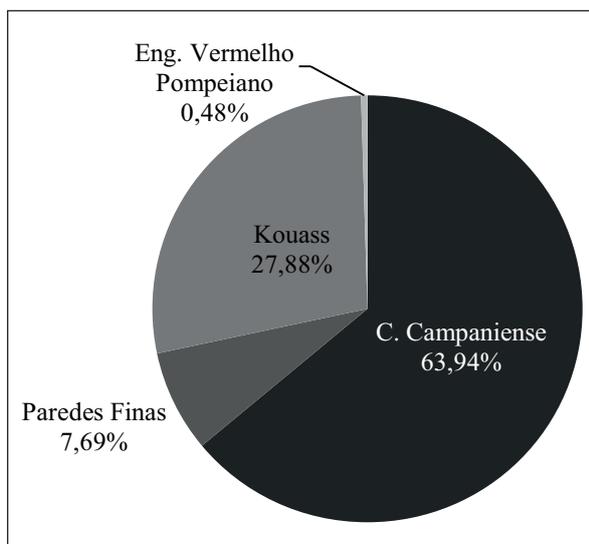


Figura 21. Cerâmica de mesa nos contextos do Sector C (NMI).

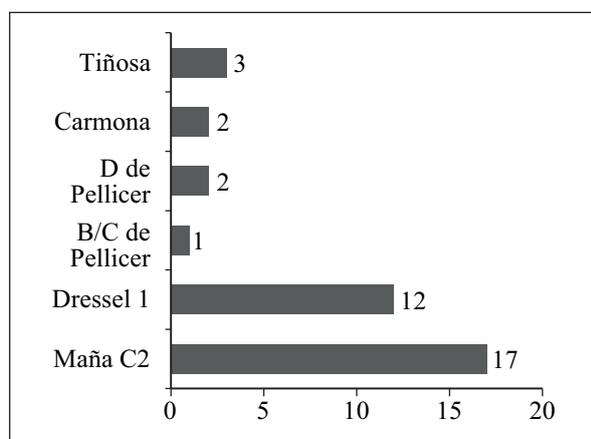


Figura 22. Ânforas dos contextos da fase I do Sector C.

Nos contentores ânforicos, os tipos Dressel 1 itálico, grande maioria dentro da variante A e Maña C2 gaditano constituem os conjuntos mais significativos do sítio. Ao nível do consumo à mesa, a cerâmica do tipo *Kuass* é preferida nesta fase, sob as formas II e V de Niveau de Villedary y Mariñas e a cerâmica de paredes finas pouco representativa (*id ibidem* 2008: 26; Arruda e Pereira 2010). Obviamente, a cerâmica comum é a categoria com maior expressividade do conjunto, grande parte desta proveniente da Baía de Cádiz (fig. 22).

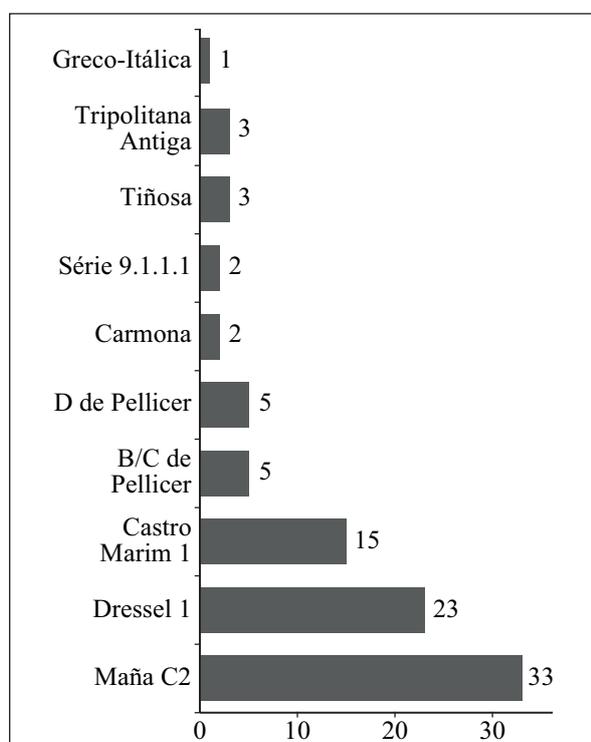


Figura 23. Ânforas dos contextos da fase II do Sector C.

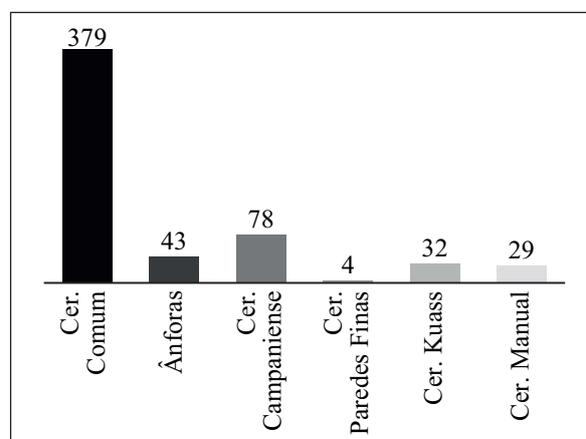


Figura 22b. Materiais dos contextos da fase I do Sector C (NMI).

Nos contextos da fase II da ocupação romana republicana, os materiais que lhe estão associados são característicos dos contextos tardo republicanos e representam uma cronologia coeva. Aqui, juntamente com a cerâmica campaniense dos tipos A, B Etrusca, B Calena e de pasta cinzenta, um total de 90 indivíduos, a maioria originária de Cales, encontramos um conjunto de ânforas considerável, do qual destacamos os tipos Dressel 1, de produção itálica, agora na sua variante B, Maña C2 e Castro Marim 1 gaditanas, cerâmica do tipo *Kuass* e cerâmica de paredes finas, nomeadamente, as formas III e VIII de Mayet (Arruda, Pereira e Lourenço 2008: 26; Arruda e Pereira 2010). Nas produções comuns continuam a destacar-se os fabricos da Baía de Cádiz (fig. 23).

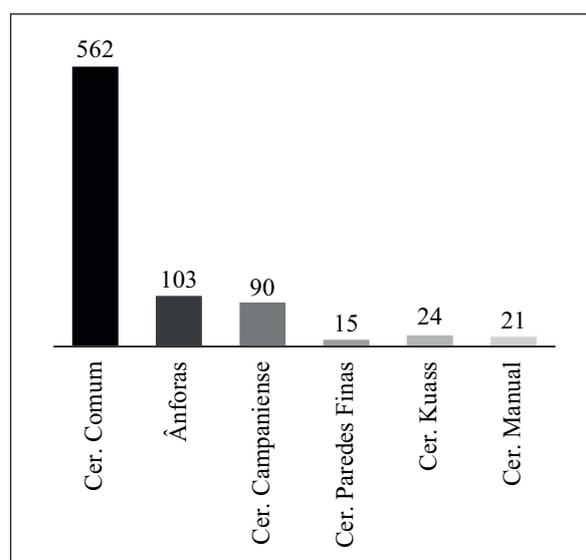


Figura 23b. Materiais dos contextos da fase II do Sector C (NMI).

1.5. Síntese das conclusões

O conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião é inserível no quadro das importações cerâmicas durante o período romano republicano para o actual território algarvio. No sítio, a presença das formas 5, 25, 27Ba, 31, 36 de Lamboglia e F3131 da classe A, revela que a chegada dos produtos de verniz negro já se faria em torno do último quartel do século II a.C., início do I a.C., sendo elas formas típicas da fase clássica da cerâmica campaniense deste tipo (Adroher Auroux e López Marcos 1996: 14).

A chegada desta cerâmica ao sítio, continua por todo o século I a.C., fase em que se dá um incremento das importações, coexistindo as produções tardias de Nápoles com as formas de campaniense B oriundas de Cales. Neste contexto, temos as formas 1, 5/7, 6 e 8B de Lamboglia, pertencentes a ambas as classes.

A par destes dois fabricos, nesse mesmo século, a cerâmica campaniense de pasta cinzenta, muito provavelmente, produzida no Guadalquivir tem, também, alguma representação dentro do universo das cerâmicas de verniz negro do Monte Molião, sob as formas 3, 5 e 5/7 de Lamboglia.

Acerca das datações dos contextos nos sectores intervencionados, não resulta fácil uma obtenção de diferentes cronologias, pois referimo-nos a momentos de ocupação muito próximos entre si. Contudo, existem evidências que nos permitem distinguir momentos distintos de ocupação nestas áreas, através da leitura estratigráfica dos espaços habitacionais e da sua associação às diferentes fases de produção e importação da cerâmica campaniense, sem esquecer o material dos contextos que a acompanha.

Assim, nos níveis romano-republicanos conservados no sector A, a cerâmica campaniense do tipo A encontra-se em maioria face ao tipo B caleno, que corresponde a cerca de um terço das produções de verniz negro, contando apenas três indivíduos (fig. 24). Formalmente, esta integra-se nas fases de produção clássica e tardia, com a presença das formas 5 (nº 2), 25 (nº 11), 31 (nº 16 e 17) e 36 (nº 22) de Lamboglia. Descontextualizados, mas remetendo para uma mesma data, existem dois fragmentos das formas 23 (nº 28a) e 27c (nº 20) de Lamboglia. Os nº 17 apresenta evidências de pintura, em bandas, a branco, o que constitui um indício da fase mais tardia do fabrico das peças desta classe.

Referimos que, os materiais aqui enumerados, com excepção dos nº 28a e 20, foram exumados entre as U.E.'s [150] e [194], na sua maioria estratos de

entulhamento no interior do compartimento 2, que se formaram num curto espaço de tempo, encontrando-se recipientes cerâmicos inteiros, *in situ*, a atravessar estes níveis (Arruda, Pereira e Lourenço 2009: 13).

O mais antigo momento de ocupação desta área, corresponde à fundação e construção das estruturas [208] e [169], relacionadas com o pavimento [191], sobre este, nas unidades de aterro, encontraram-se um fragmento da forma 25 de Lamboglia (nº 11) de Campaniense A, ânforas do tipo Maña C2 gaditana, B/C de Pellicer e Dressel 1 de transição, *Kalathos* Ibéricos, e cerâmica *Kuass*, nas suas formas mais antigas, os pratos de peixe da forma II e as taças da forma IX de Niveau de Villerdary y Marinas (Arruda, Lourenço e Pereira 2009: 17).

A um momento ligeiramente mais recente, já relacionado com as estruturas [169] e [186], identificaram-se vários níveis de aterro e entulhamento, provavelmente relacionados com a remodelação rápida do espaço. Aí exumaram-se fragmentos de cerâmica campaniense A, das formas 5 (nº 2), 31 (nº 17) e 36 de Lamboglia, de produção tardia, B calena, formas 1 de Lamboglia e Pasta Cinzenta, da forma 5-7 de Lamboglia, ânforas dos tipos Dressel 1, Maña C2, Castro Marim 1, Classe 67, e alguns fragmentos de paredes finas.

Através da observação destes contextos concluímos que a cerâmica campaniense do tipo A está claramente em maioria comparativamente às outras classes, que têm uma presença residual. Contudo, se olharmos para a totalidade dos fragmentos de verniz negro

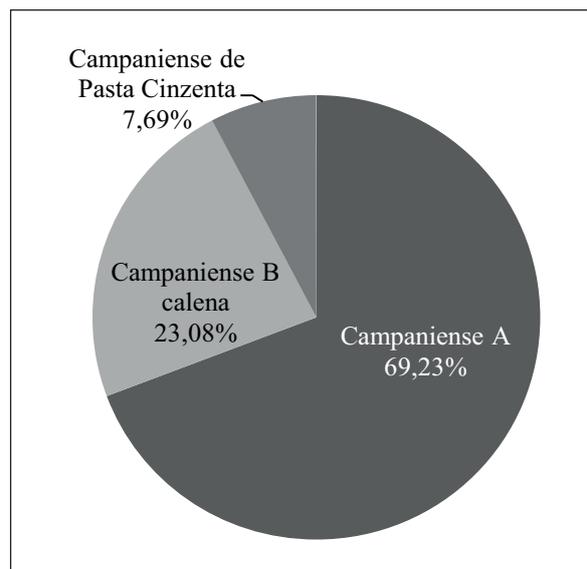


Figura 24. Cerâmica campaniense em contexto no sector A (NMI).

identificados fora dos seus níveis primários de deposição, a campaniense B calena conhece uma maior representação. Esta aparece-nos sob uma grande diversidade de formas, 1, 2, 3, 5/7 (nº 35 e 39) e 7 de Lamboglia, passíveis de se inserir nas produções da fase média e tardia de Cales (Pedroni 2001: 269 a 275).

Indício que nos leva a crer que, tal como no sector C, onde estas formas se encontram contextualizadas, na vertente Este do Monte, os fabricos calenos de verniz negro tiveram o seu peso nas importações para o sítio durante todo o século I a.C. Contudo, os contextos dessa data, no Sector A, foram afectados pela construção das estruturas do período romano imperial, sendo truncados pelas valas de fundação dos novos edifícios e pela implantação de fossas. Assim como, os trabalhos de escavação das máquinas para a construção da estrada do Monte Molião, em meados do século XX, destruíram significativamente os estratos arqueológicos desta área, fazendo com que grande parte dos fragmentos pertencentes a esta classe nos apareça, somente, como material descontextualizado.

No sector C, a ocupação republicana conhece uma maior expressão, pois as U.E.'s pertencentes a este período encontram-se bem conservadas, não tendo sido afectadas pelas reformulações posteriores. Assim, no que respeita à cerâmica campaniense identificada na fase mais antiga de utilização do espaço, tal como no sector A, as produções da classe A dominam, estando a cerâmica campaniense B calena em segundo plano e a cerâmica campaniense de pasta cinzenta com pouca representação (fig. 25).

Morfologicamente, estão presentes as formas importadas durante o período clássico de ambas as classes, permitindo-nos enquadrar o conjunto entre finais do século II a.C. e o primeiro quartel do século I a.C. Foram exumadas as formas 6 (nº 5, 6 e 7), 5 (nº 1), 5/7 (nº 4), 27Ba (nº 12), 31 (nº 13, 14 e 19), 36 (nº 22) de Lamboglia e um bojo da forma 3131 de Morel (nº 27) de cerâmica campaniense do tipo A e as formas 1 (nº 42), 3 e 5/7 (nº 36 e 37) de cerâmica campaniense do tipo B caleno.

Corroborando esta datação, aparecem associados às cerâmicas de verniz negro, os contentores ânforicos do tipo greco-italico, Dressel 1 itálicas e Manã C2 (T7.4.2.1 e T7.4.3.1 de Ramón Torres (1995), quer de produção gaditana, quer Norte africana, cerâmica do tipo *Kuass* e paredes finas.

Na fase mais recente de ocupação republicana do Monte Molião, verificamos um decréscimo da presença da cerâmica campaniense A e o aumento do predomínio dos fabricos de verniz negro de Cales (fig. 26).

Neste período, o conjunto enquadra-se nas produções tardias, sob grande diversidade de formas 6, 5/7 (nº 30), 8B (nº 8), 25 (nº 9), 31 e 36 (nº 26) de Lamboglia, no que respeita às produções de Classe A e 1 (nº 40 a 43 e 46), 2, 3 (nº 50), 4 e 5/7 (nº 31) de Lamboglia importadas de Cales.

Nos mesmos contextos que estes materiais, encontramos as produções itálicas de Dressel 1, as ânforas do tipo Maña C2 e o tipo Castro Marim 1 da Baía de Cádiz. E ainda as formas de *Kuass* e Paredes Finas típicas de meados do século I a.C.

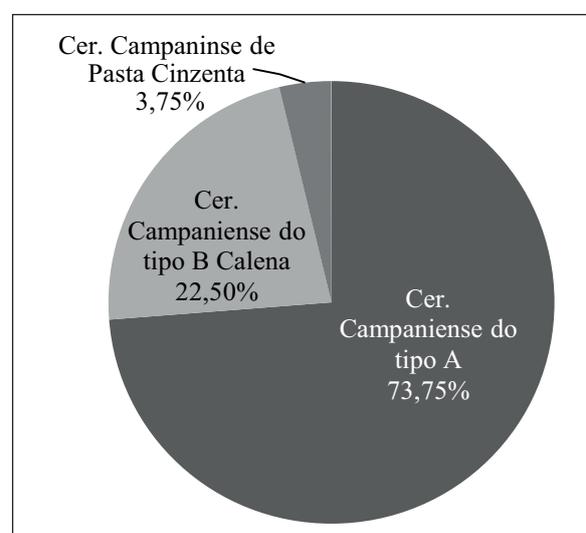


Figura 25. Cerâmica campaniense em contexto, na fase I do sector C (NMI).

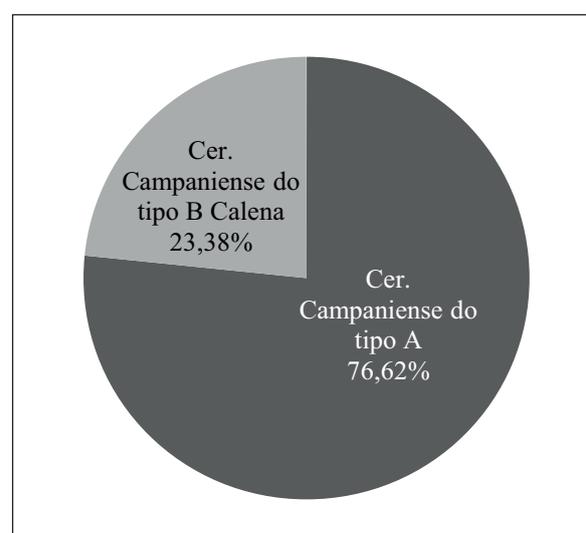


Figura 26. Cerâmica campaniense em contexto, na fase II do sector C (NMI).

Conciliando os dados retirados do estudo da cerâmica campaniense do Monte Molião, observamos uma ocupação coeva do espaço em época romana. Em ambos os sectores, encontramos uma implantação das populações itálicas nas últimas décadas do século II a.C., verificando-se a utilização de novas técnicas construtivas sobre os níveis datados da II Idade do Ferro (Arruda, Lourenço e Pereira 2009: 14; Arruda e Pereira 2010).

Os recipientes de verniz negro aí presentes são típicos destes contextos cronológicos. Sendo que, numa primeira fase de ocupação, a cerâmica campaniense do tipo A domina as importações, estando presentes, sobretudo, as formas 5, 5/7, 31 e 36 de Lamboglia. Perdendo, progressivamente, a preferência para as formas 1, 3 e 5/7 de Lamboglia, produzidas em cerâmica campaniense do tipo B caleno, já durante o século I a.C., quando, também a cerâmica campaniense de pasta cinzenta possui alguma representação no sítio (nº 58).

Estas classes cerâmicas integram a grande parte dos produtos itálicos presentes no Molião, já que a cerâmica comum e a cerâmica de Paredes Finas constituem uma pequena percentagem, assim como a ânfora Dressel 1, cuja presença no sítio se compõe apenas de 35 indivíduos, um número bastante inferior à totalidade da cerâmica campaniense, contrariando, assim, a ideia de que estas produções ocupariam um papel secundário e subsidiário nos navios que transportavam o vinho itálico para a bacia do Mediterrâneo neste período (Benoit 1961 *apud* Viegas 2009: 500).

O conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião, em ambas as fases da república, é homogéneo em termos morfológicos, compondo-se pelas formas mais difundidas de cada classe desta produção, à semelhança do que acontecia no Mediterrâneo durante a implantação da romanidade.

É, ainda, importante referir que estes dados são concordantes com a informação obtida na área intervenionada, em 2005, no sopé do monte, pela empresa Palimpsesto, no âmbito de trabalhos de acompanhamento. Identificando-se, num nível de aterro, as formas de campaniense A, 27, 28, 31 e 36 de Lamboglia. A presença destes fragmentos, em conjunto com as ânforas do tipo Maña C2, Dressel 1-A, Castro Marim I e Tripolitana Antiga, as formas de produção tardia da cerâmica do tipo *Kuass*, assim como uma quantidade residual de cerâmica do tipo Paredes finas e *Kalathos* Ibéricos, possibilita, à semelhança das duas áreas já referidas, uma datação deste aterro, em torno de finais do século II a.C. até meados do século I a.C. (Serra e Sousa 2005: 16 a 21).

2. A CERÂMICA CAMPANIENSE DO MONTE MOLÍÃO NO QUADRO DA ROMANIZAÇÃO DO SUL DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Para uma compreensão total do tema aqui abordado, julgamos necessário a comparação com os conjuntos de cerâmica campaniense de Faro, Castro Marim (Viegas 2009) e Mértola (Luís 2003), pois, além da proximidade numérica, estes possibilitam o enquadramento da distribuição destas peças durante o mesmo período de tempo, na mesma área geográfica, através dos portos, que em época romana, se situariam em Lagos, Faro e Castro Marim ou do abastecimento a Mértola que se efectuaría através do Guadiana (Luís 2003: 111) (fig. 27).

Faro, sendo o sítio mais próximo do Monte Molião, apresenta o conjunto de cerâmica campaniense mais semelhante ao deste sítio. Está cronologicamente balizado entre meados do século II a.C. e o século I a.C., com a presença inicial das produções clássica e tardia de Campaniense A, em conjunto com as ânforas do tipo greco-itálico e Dressel 1, de fabrico itálico, com 38 fragmentos no sítio. O abastecimento das produções calenas de verniz negro inicia-se no século I a.C., nas suas formas mais comuns, ao mesmo tempo que chegam os fabricos de pasta cinzenta, provenientes do Guadalquivir (Viegas 2009: 141, 142, 189 e 190).

Além das ânforas já referidas, encontram-se a acompanhar estes materiais outros tipos, como é o caso de Castro Marim 1, com 99 fragmentos, Maña C2 de produção gaditana, com 78 fragmentos, e ainda, alguns fragmentos da Classe 67 e do tipo Haltern 70, constituindo-se a grande maioria, assim como a cerâmica comum aí presente, de importações da Ulterior (Viegas 2009: 189, 190, 195 e 196).

Também na costa Algarvia, Castro Marim apresenta-nos um conjunto de cerâmica campaniense proveniente dos trabalhos arqueológicos efectuados na área do Castelo, sob a direcção da Doutora Ana Margarida Arruda, constituído por 504 fragmentos, correspondendo a 186 indivíduos. Nessa área, os tipos A (2,7%), B Etrusco (0,5%) e de pasta cinzenta (13%) representam um número muito inferior ao tipo B caleno, estando presentes 151 indivíduos, cerca de 84% da amostra total (Viegas 2009: 413).

O conjunto de campaniense do Castelo de Castro Marim documenta uma ocupação republicana mais intensa a partir de meados do século I a.C., sendo que a raridade da cerâmica campaniense A indicia um abandono da área do castelo durante a época de distribuição deste tipo cerâmico. Hipótese sustentada pelo estudo da

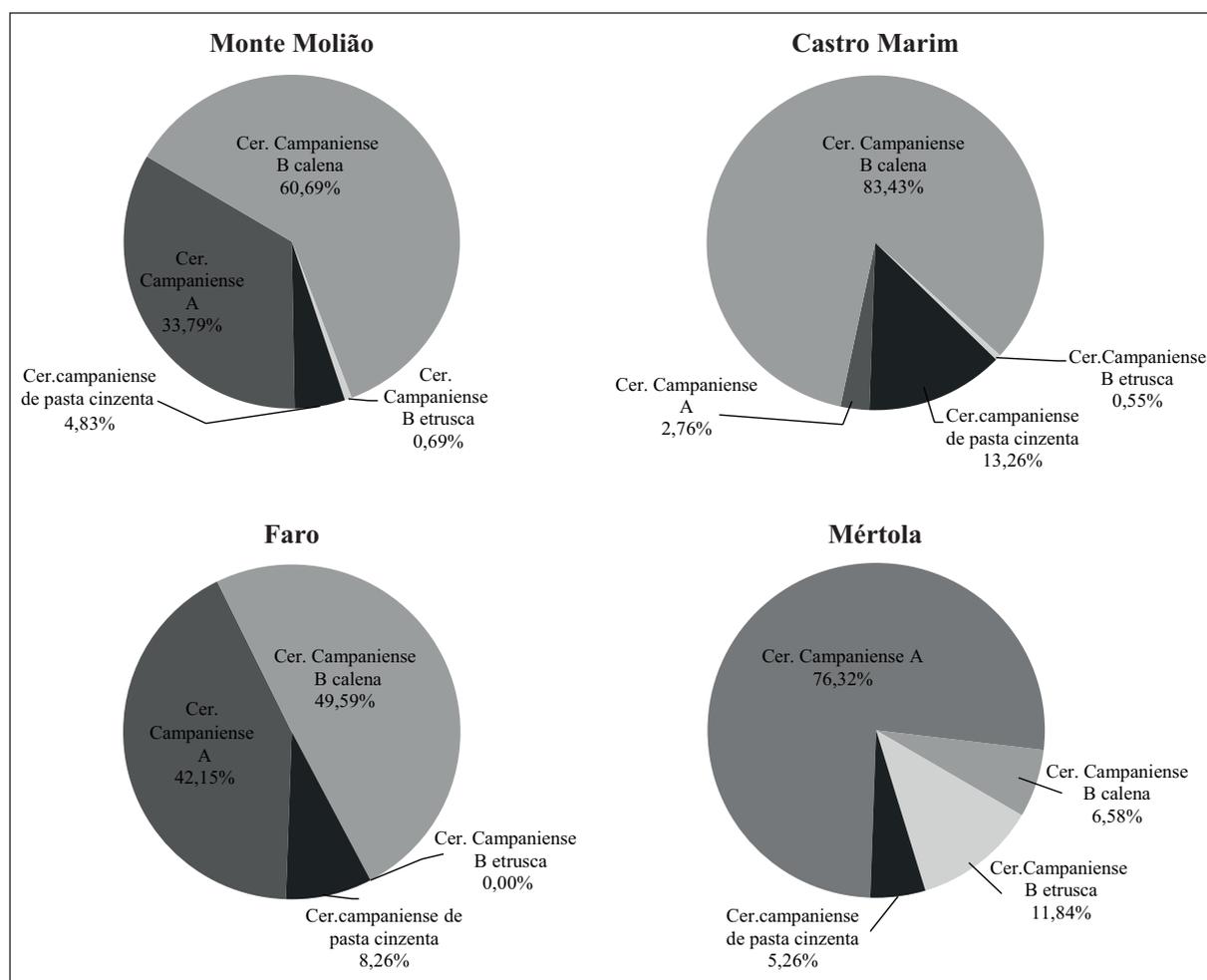


Figura 27. Distribuição da cer. Campaniense na costa algarvia e Mértola (NMI).

cerâmica do tipo *kuass*, recuperada nesta mesma intervenção, que segundo Elisa de Sousa mostra o abandono do sítio em torno do século III a.C. e a sua reactivação em meados do século I a.C., podendo, ter ocorrido “uma deslocação do espaço ocupado para outra área da colina” (Sousa 2009: 103; Viegas 2009: 421).

Dentro do conjunto anfórico, os tipos greco-italico e Dressel 1 itálicos possuem um peso reduzido, enquanto os tipos Castro Marim 1 e T7.4.2.1 e T7.4.3.1 estão presentes em grande escala, com 170 e 171 exemplares, respectivamente. Regista-se ainda a presença da Classe 67 nestes contextos. Também aqui, as produções gaditanas parecem dominar o quadro das importações para o sítio da foz do Guadiana (Viegas 2009: 453 a 458, 493 e 494).

Por outro lado, se olharmos para os resultados das intervenções realizadas em 2006 e 2007 no Forte de São

Sebastião, encontramos dados relativos à ocupação durante do século II a.C. de Castro Marim. Este Forte foi erigido em meados do século XVII, no contexto da Guerra da Restauração, numa elevação sobranceira à vila de Castro Marim. A sua ocupação em época republicana foi atestada nas sondagens efectuadas no topo do Forte, no desaterro do Reduto central e na área correspondente à “cidadela”, a única que forneceu contextos seguros desta ocupação (Arruda e Pereira 2008: 365 a 384).

Nas duas primeiras áreas, embora descontextualizados, identificaram-se fragmentos de ânforas do tipo Maña Pascual A4 de origem gaditana, Dressel 1 itálicas, Castro Marim 1, D de Pellicer, cerâmica do tipo *Kuass* (forma X de Niveau), e paredes finas (forma 1/2 de Mayet), um fragmento de *Kalathos* e cerâmica campaniense A (dois fragmentos com classificação tipológica: F.2283 e F.2233), a grande maioria exumada na

área 2 do Reduto Central. Nos níveis conservados, de onde provém a grande quantidade dos materiais da República, identificou-se uma estrutura implantada no substrato rochoso, associada a uma lareira de forma circular. A camada estratigráfica correspondente à sua vala de fundação centra-se no último quartel do século II a.C. inícios do I a.C., dedução realizada a partir de um fragmento de campaniense do tipo A aí exumado (Arruda e Pereira 2008: 377 a 389).

A datação dos inícios da ocupação republicana em torno dos finais do século II a.C. e inícios do século I a.C. no Forte de São Sebastião, justifica-se ainda, pela observação da totalidade dos materiais encontrados nestas sondagens. Estão presentes neste sítio uma diversidade de ânforas provenientes da baía de Cádiz, os tipos Maña Pascual A4, Maña C2, Castro Marim I e T9.1.1.1. e dez fragmentos correspondentes à produção de Dressel 1 itálica. Ao nível da cerâmica comum, todos os fragmentos representam fabricos gaditanos, predominantemente tigelas, potes e alguidares. No que respeita ao serviço de mesa, apresenta-se a já referida forma I/II de Mayet de paredes finas, uma das produções mais antigas desta categoria, as formas de cerâmica *kuass* II, V e X de Niveau de Villedary y Mariñas, fabricos tardios deste tipo cerâmico e vários fragmentos de cerâmica campaniense do tipo A enquadráveis no final do século II a.C. (formas 5/7, 27, 31 e 55 de Lamboglia), estando as outras classes ausentes. Refere-se ainda, um bordo de *Kalathos* Ibérico, elemento importante na fixação desta cronologia (Arruda e Pereira 2008b: 390-391).

Em Mértola, comparativamente a Faro e ao Castelo de Castro Marim, os dados invertem-se. O conjunto de cerâmica campaniense provém de sondagens de duas áreas, a Casa do Pardal e a área da Alcáçova e corresponde a 572 fragmentos. Cerca de 75% destes, representam os fabricos do tipo A. A esta classe, segue-se a classe que o autor designou de “círculo da B”, onde se inserem os fragmentos cujas características remetem para as oficinas que produziram este tipo de campaniense, um total de 14 indivíduos. Nove destes pertencem à produção Etrusca, cinco páteras da forma 5-7 de Lamboglia e quatro fragmentos da forma 3 de Lamboglia. Os restantes cinco exemplares, possivelmente de origem calena, correspondentes à forma 1 (quatro fragmentos) e à forma 2 de Lamboglia (Luís 2003: 99, 100, 101 a 103) (fig. 28).

A cerâmica campaniense de pasta cinzenta tem em Mértola fraca representação, contando-se apenas três indivíduos, um fragmento de forma indeterminada, e dois de pátera da série 2250 de Morel (Luís 2003: 100 e 102).

Em termos cronológicos, o conjunto proveniente da Casa do Pardal é passível de se inserir na segunda metade do século II a.C., concentrando-se aí a grande parte dos exemplares de cerâmica campaniense do tipo A, apesar de existirem alguns fragmentos pertencentes ao “círculo da B”, cuja produção se integra num período tardio, nomeadamente, as taças Lamboglia 1 (F2320). Na área da Alcáçova, encontramos um horizonte cronológico mais alargado, estando presentes as formas da segunda metade do século II a.C., à semelhança do que acontece na Casa do Pardal, Lamboglia 5/7 (F2250), 31 (F2970), 36 (F1314) do tipo A. E formas pertencentes ao “círculo da B” que remetem já para o século I a.C., os pratos 7 (2260-80), as taças 1 (2320) e os copos 3 (7553) de Lamboglia (Luís 2003: 107 e 108).

Tendo em consideração o conjunto de cerâmica campaniense destes quatro sítios, localizados a sul do actual território português, apercebemo-nos dos padrões de abastecimento e de consumo destas cerâmicas de mesa itálicas durante o período Romano Republicano nesta área. Assim, encontramos três casos com bastantes semelhanças entre si, todos estabelecidos ao longo da costa algarvia. Os exemplares de Faro, Monte Molião e do Forte de São Sebastião, onde numa primeira fase se fixaram as populações itálicas em Castro Marim, demonstram que o começo da chegada da cerâmica campaniense ao sul da Península Ibérica se efectivou a partir dos 3º e 4º quartéis do século II a.C., através das produções do tipo A, estando presentes nos três sítios formas pertencentes a fases de fabrico mais antigas, como é o caso das formas 5, 36 e 55 de Lamboglia (Arruda e Pereira 2008: 392, 393; Viegas 2009: 136 e 414).

Note-se, depois a modificação nos hábitos de consumo destas cerâmicas finas, através do aumento exponencial dos fabricos do tipo B caleno ao longo do século I a.C., produção que representa a maioria dos três conjuntos. Como já referi, é nos níveis estratigráficos datados dessa época, no Monte Molião, que se dá uma diminuição da campaniense A face ao aumento dos fragmentos da cerâmica campaniense B de Cales, correspondentes a formas da fase de produção média e tardia deste tipo. Em Faro, a situação parece-nos semelhante, pois, também aí, as formas presentes são características dos fabricos calenos do século I a.C. Contudo, é no conjunto do Castelo de Castro Marim que encontramos o abastecimento mais intenso e mais tardio deste tipo de cerâmica de verniz negro, precisamente no contexto datado de 50-30 a.C., onde a cerâmica campaniense A ocupa uma baixa percentagem de 0,2%, contrariamente ao que se verifica no Forte,

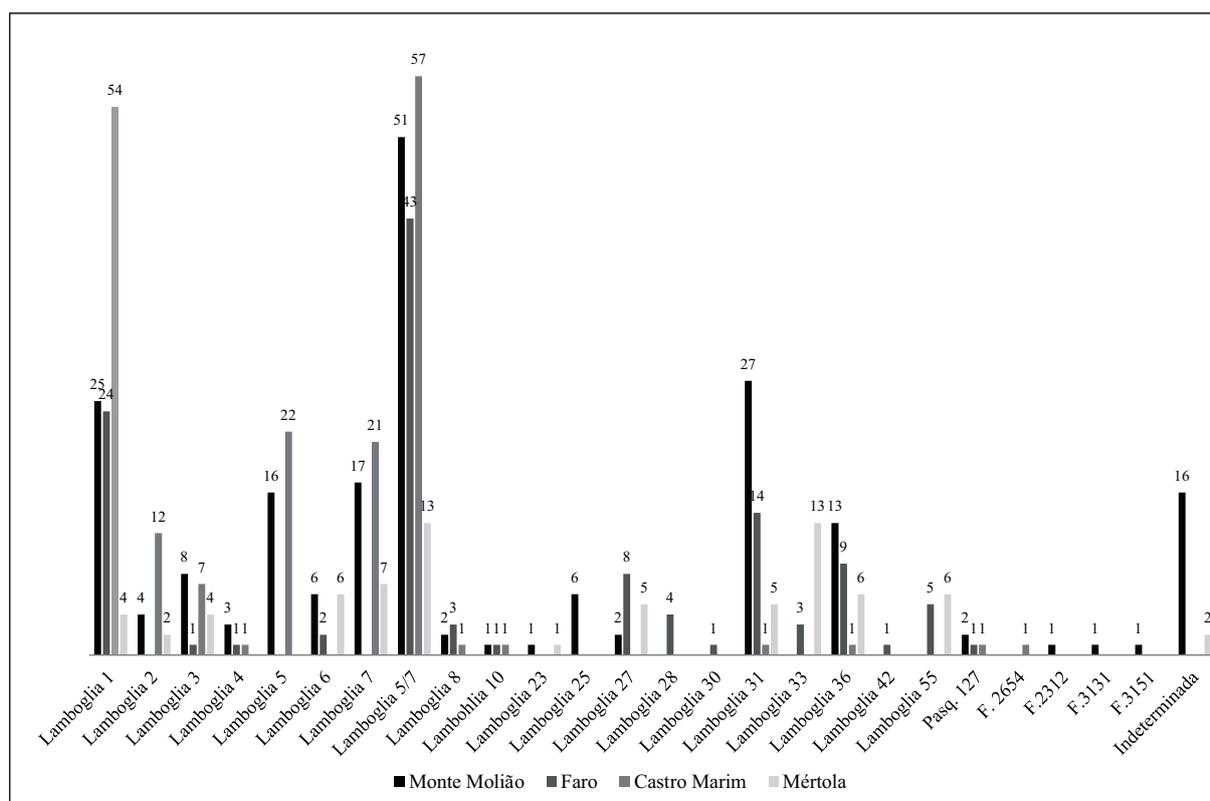


Figura 28. Formas de Cerâmica Campaniense presentes no Monte Molião, Faro, Castro Marim de Mértola.

pressupondo-se que “a romanização plena do território deu origem ao abandono de um sítio e à integração definitiva do *oppidum* estependiário no quadro político e administrativo da Província da Ulterior” (Op. Sit. Arruda e Pereira 2008: 393; Viegas 2009: 424, 499 e 500).

Em Mértola encontramos um conjunto que mostra uma ocupação intensa em época mais antiga, sendo um sítio mais interior abastecido através do Rio Guadiana. É provável que a sua relação com Castro Marim, este enquanto centro abastecedor de cerâmica ática na Idade do Ferro, continue durante a romanidade, situação reafirmada pelos dados provenientes da intervenção no Forte de São Sebastião. Os exemplares da Casa do Pardal, onde as formas de campaniense A dominam, comprovam uma ocupação mais intensa em meados da segunda metade do século II a.C. que depois decaí, durante o século I a.C., período em que os exemplares do “círculo da B” são pouco significativos (Arruda e Pereira 2008; Luís 2003: 107, 108 e 111).

A cerâmica campaniense do tipo B etrusco é bastante rara nestes contextos, demonstrando que esta seria preterida em relação aos fabricos da A e depois às formas suas semelhantes produzidas nas oficinas de Cales.

Os materiais que acompanham a cerâmica de verniz negro são também homogêneos nestes sítios. Tanto no Monte Molião como em Faro e em Castro Marim, as categorias cerâmicas em contexto com a cerâmica campaniense, enquadram-se nas cronologias aqui referidas. A cerâmica do tipo *Kuass* é recorrente nos níveis de meados do século II a.C. até meados do século I a.C. (Bargão 2006: 97; Serra e Sousa 2005: 16 a 24; Sousa 2009: 104; Viegas 2009: 425). A cerâmica de paredes finas, nomeadamente, as formas III e VIII de Mayet, possui também alguma representação em Castro Marim e no Monte Molião, representando, já, uma fase mais tardia de ocupação dentro do século I a.C. (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: 26; Viegas 2009: 425).

Nas produções comuns, as formas de pastas calcárias da área da baía gaditana são predominantes, os fabricos locais regionais ocupam um segundo plano e as importações itálicas são raras nestes contextos (Viegas 2009: 423). As ânforas exumadas nestes sítios são também os recipientes típicos deste período, as classes melhor representadas são as Maña C2, Castro Marim 1 e Dressel 1, grande parte delas fabricadas na Ulterior, mas algumas provenientes do Norte de

África, transportando até à actual costa algarvia, preparados piscícolas, azeite e algum vinho. Em Castro Marim, os fabricos de ânforas itálicas não chegam aos 3%, uma realidade bastante semelhante ao que acontece no Monte Molião e em Faro (Bargão 2006: 100; Viegas 2009: 425).

Os dados destes sítios entram, assim, em confronto com a tese estabelecida de que a cerâmica campaniense representaria um produto de transporte secundário nas embarcações que transportavam o vinho itálico para o Mediterrâneo, pois “os circuitos de distribuição na região que virá posteriormente a ser o Sul da Lusitânia, encontram-se dominados pelo porto de Cádiz” (*Op. Cit.* Viegas 2009: 501).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM TORNO DA CERÂMICA CAMPANIENSE DO MONTE MOLIÃO

O sítio de Monte Molião permite um estudo pormenorizado destas cerâmicas finas, apresentando um contexto arquitectónico, cuja leitura conjunta dos níveis estratigráficos que lhe estão associados permitiu a observação das fases de ocupação bem definidas, a mais antiga assentando directamente sobre os níveis datados da II Idade do Ferro, sendo estes, por vezes, utilizados enquanto piso (Arruda, Lourenço e Pereira 2008)

O conjunto do Monte Molião integra-se nos padrões de consumo deste tipo cerâmico no actual território português. Aqui a chegada do verniz negro romano começou em finais do século II a.C. inícios da centúria seguinte acompanhado dos exemplares de ânforas Greco-Itálicas, sendo, também, maioritários os tipos Dressel 1 itálico e Maña C2 gaditana e de cerâmica *Kuass* (Arruda e Pereira 2010). Em finais do século II a.C. e primeiros anos do século I d.C. começa a chegar ao sítio a produção de Cales, que é, nesta fase de ocupação mais antiga, pouco expressiva face ao consumo de cerâmica campaniense do tipo A.

Contudo, numa segunda fase, centrada na primeira metade do século I a.C., os fabricos de campaniense do tipo B caleno adquirem maior expressão nos contextos, e dá-se uma diminuição dos exemplares do tipo A, agora da sua fase de produção mais tardia. Nestes contextos mais recentes, aparecem alguns fragmentos de paredes finas de produção antiga, as formas de *kuass* escasseiam, e no que diz respeito aos elementos de armazenamento e transporte de produtos, grande parte provém da baía de Cádiz, inserindo-se nos tipos Maña C2, Castro Marim 1 e série 9.1.1.1., embora a presença

do tipo Dressel 1 itálico seja representativa do aumento do consumo de produtos romanos nesta fase.

Afirma-se, neste sítio, uma substituição progressiva da classe de cerâmica campaniense A pela cerâmica campaniense de verniz negro caleno, concentrando-se a primeira na fase mais antiga de ocupação, aparecendo a par das formas calenas na posterior, contudo em quantidades bastante menores. Mostrando, que apesar da cerâmica campaniense B calena conquistar popularidade ao longo do século I a.C., no início da ocupação republicana estas duas produções coexistiam no mercado que abastecia o Monte Molião, podendo-se aproximar a data da presença destas classes, para os momentos finais do século II a inícios do I a.C.

A partir destes pressupostos, podemos supor que os primeiros momentos de ocupação republicana do Monte Molião correspondem apenas à fase inicial de chegada e instalação das populações itálicas, no âmbito da integração política e económica da Península Ibérica enquanto território submetido ao poder romano e mesmo ao consumo esporádico de cerâmica campaniense A pelas elites indígenas familiarizadas com o comércio mediterrâneo. Apenas durante o século I a.C. se dá um consumo efectivo e crescente dos produtos vindos da Península Itálica. Neste momento a ocupação já está definitivamente estabelecida, sendo regular a chegada de navios com as cerâmicas de mesa. Refiro-me à campaniense B calena, em maior escala, ainda que, a par, continue o consumo do tipo A, à cerâmica de paredes finas e à ânfora do tipo Dressel 1. Situação semelhante a Castro Marim, a Mesas do Castelhinho e à Alcáçova de Santarém, como mais adiante explicitarei.

É, contudo, de assinalar que, à semelhança dos padrões de importação do Sul do actual território português, as produções da baía de Cádiz representam o grosso das importações neste período, no que respeita ao consumo das cerâmicas comuns, sobretudo formas abertas e aos produtos transportados nos contentores gaditanos, que apresentam grande variedade, especialmente na fase II (Arruda *et al.* 2008: 150; Bargão 2008: 179). A cerâmica *kuass* identificada nestes contextos insere-se, também, no quadro típico da presença destas produções republicanas a Sul do nosso território, em Faro e Castro Marim e na área de Cádiz (Arruda *et al.* 2008: 153 *apud* Bernal Casasola *et al.* 1994 ; Sousa 2009: 20)

Quanto a evidências de ocupação militar pouco se pode adiantar, uma vez que no registo arqueológico, e até à data, a identificação de elementos que comprovem a presença das tropas romanas é pouco significativa. O achado, na campanha de 2008, no sector C, no interior do compartimento 10, de uma ponta de lança em

ferro não parece ter um grande peso. Os contextos desta época consubstanciam-se em estruturas de povoamento urbano, não revelando nenhum episódio de natureza bélica no sítio, não querendo dizer que estes não tivessem existido (Arruda, Lourenço e Pereira 2008: anexo III; Arruda e Pereira 2010).

A ocupação republicana do Monte Molião é, em termos cronológicos, coeva com a dos outros sítios do litoral algarvio.

Não sendo a cerâmica campaniense do Monte Molião, o conjunto mais antigo do extremo ocidente da Península Ibérica, enquadra-se na cronologia das movimentações militares da conquista romana do território. Os tipos e formas que o constituem encontram correlações com os exemplares encontrados em outros sítios do extremo ocidente da Península Ibérica.

Num contexto mais antigo encontramos Lisboa, Alcácer do Sal, Mértola, e Faro, cujos exemplares mais antigos dos conjuntos de cerâmica campaniense centram-se cronologicamente no 3º quartel do século II a.C. Hipótese sustentada pela presença de formas tidas como produções clássicas, os casos das formas 6, 23, 27, 31 e 55 de Lamboglia, pela ausência ou raridade das produções do tipo B e B caleno e pelos contentores ânforicos do tipo greco-italico, Dressel 1 itálicas, Maña C2b e classe 9.1.1.1 que lhe estão associadas nos níveis do Castelo de São Jorge e em Faro, não esquecendo os escassos fragmentos de *kalathos* ibéricos que surgem em alguns destes sítios (Pimenta 2005; Fabião e Guerra 1994; Luís 2003; Viegas 2009).

Temos depois os exemplares provenientes da Alcáçova de Santarém, Mesas do Castelinho, Monte Molião e do Forte de São Sebastião de Castro Marim que se enquadram na instalação dos contingentes itálicos, entre finais do século II a.C. e inícios do século I a.C. A presença, nestes sítios, da cerâmica campaniense do tipo A, sobretudo, sob as formas 5, 6, 27, 31, 36 e 55 de Lamboglia, em conjunto com uma menor percentagem de cerâmica campaniense do tipo B caleno, onde se apresentam as variantes mais antigas das formas, por exemplo, as taças Lamboglia 1 sem qualquer ranhura na parede externa e os fundos com uma carena bem marcada, como se verifica no conjunto do Monte Molião, os fabricos característicos do período republicano de cerâmica *kuass*, nas formas II, V, IX e X de Niveau de Villedary y Marinas, a fraca expressão das produções de paredes finas, representadas no Forte de São Sebastião sob a forma 1/2 de Mayet, dos fragmentos de *kalathos* ibéricos do Monte Molião e do Forte, e a variedade de ânforas típicas desta época, dentro dos tipos Greco-italico, Dressel 1, Maña Pascual A4, Maña C2 e Castro

Marim 1, sustentam a cronologia referida para um primeiro momento de ocupação destas áreas durante o período romano republicano. (Bargão 2006; Fabião e Guerra 1994; Fabião 1998; Arruda e Pereira 2008; Arruda, Lourenço e Pereira 2009: 18).

No que respeita aos padrões verificados durante o século I a.C. é visível o aumento do consumo dos produtos itálicos, sendo a cerâmica campaniense presente nestes sítios disso exemplo. É notório o aumento da cerâmica de verniz negro romana integrável nas produções do “círculo da B”. Os sítios da Alcáçova de Santarém, Mesas do Castelinho, Faro, Monte Molião e do Castelo de Castro Marim mostram nos seus contextos essa mesma realidade. Dá-se, de facto, durante este século, um incremento nas importações de campaniense B, sobretudo calenas, e uma diminuição gradual da cerâmica campaniense do tipo A (Bargão 2006; Fabião e Guerra 1994; Viegas 2009).

Nesta centúria, multiplicam-se as formas do tipo B caleno, as formas 1, 3, 5 e 7 de Lamboglia são recorrentes nos conjuntos referidos, surgindo acompanhadas dos fabricos tardios de cerâmica campaniense do tipo A, maioritariamente, as formas 5/7 e 31 de Lamboglia, muitas vezes apresentando vestígios de pintura a branco junto ao bordo, característica desta fase. A estas classes, junta-se a cerâmica campaniense de pasta cinzenta. Apresentam-se ainda, alguns fragmentos de cerâmica *kuass*, agora mais escassos e um aumento da cerâmica de paredes finas em meados da segunda metade do século I a.C., sob formas III e VIII de Mayet. Nos contentores de transporte, continua a grande diversidade de tipos, a maioria proveniente de Cádis, mas também alguns exemplares de origem itálica e norte africana. Estão assim em maioria os tipos Dressel 1, Maña C2 e Castro Marim 1, e a Classe 67 e 32, estas em menor número (Arruda, Lourenço e Pereira 2008; Fabião e Guerra 1994; Viegas 2009)

Há, ainda, contextos que demonstram a utilização destas cerâmicas finas até época tardo-republicana, como são os casos de Santarém, onde o consumo desta cerâmica perdura até ao reinado de Augusto, de Mesas do Castelinho, cujo contexto [39] permite aferir a chegada dos fabricos do “círculo da B” até cerca de 65 a.C., de Castro Marim, onde fabricos calenos surgem no nível datado de 50-30 a.C. e possivelmente do Monte Molião, onde surgem, apesar de fora do seu contexto de deposição primário, elementos que remetem para uma utilização do espaço até inícios da segunda metade do século I a.C., como por exemplo, exemplares de paredes finas de produção mais antiga, ânforas já produzidas na Ulterior dos tipos Maña C2, Castro

Marim 1 e Classe 67 (Bargão 2006; Fabião e Guerra 1994; Viegas 2009).

Quanto à ligação destes dados com a geografia da conquista, na zona centro do actual território português, a presença mais antiga da cerâmica campaniense ligar-se-á com o mapa das ocupações militares romanas, sendo aí que se registam os mais antigos conflitos que levaram à conquista do território pelas tropas romanas, nomeadamente as campanhas de Décimo Júnio Bruto (Alarcão 1974, 1988). Nesta região, a conquista reveste-se de um carácter puramente militar encontrando realidades diferentes do Sul da península, nomeadamente das áreas costeiras, já habituadas à urbanidade e civilização do Mediterrâneo e à circulação de gentes e mercadorias de diferentes origens, eles próprios consumidores directos dos produtos vindos do exterior.

Supondo-se, assim, que a cerâmica de verniz negro romana chegaria à costa algarvia, e em particular, ao Monte Molião através das rotas marítimas pré-estabelecidas e não através das legiões romanas, para a sua subsistência, que as introduziram a norte e nas zonas interiores da Península. A sua datação é com isso congruente, elas de facto marcam a mudança trazida para o extremo ocidente pelas tropas romanas, o consumo dos produtos itálicos a partir de meados da segunda metade do século II a.C. é facto confirmado no extremo ocidente da Península Ibérica. Contudo, o conflito a esta zona Sul do nosso território só chega, indirectamente, com os conflitos lusitanos e depois, no contexto das guerras sertorianas (Alarcão 1974: 27 a 19, 40; 1988: 23 e 24; Blázquez *et al.* 1988: 123 e 124).

Na costa algarvia, a cerâmica campaniense demonstra uma conquista pacífica do território, mais política e comercial do que pela força. As populações itálicas chegam e instalam-se, introduzem entre os autóctones os seus gostos, que se aliam aos costumes já existentes, pois os produtos gaditanos continuam a ocupar um lugar cimeiro nas importações, ao nível das ânforas e da cerâmica de uso comum, podendo dizer-se “que a influência gaditana sobre o Sul do actual território português (região algarvia) se mantém depois da transferência da órbita política e económica romana” (*Op. Cit.* Viegas 2009: 208). Mas, agora, parte do vinho é de origem itálica, assim como a cerâmica de mesa, onde a cerâmica campaniense ocupa o primeiro lugar, em detrimento das produções de *Kuass*, antes preferidas pelos indígenas do Monte Molião e remetidas, agora, para segundo lugar, realidade semelhante à que se apresenta em Castro Marim (Viegas 2009).

Apoiando esta teoria podemos observar nos sítios referidos um primeiro momento de contacto e

instalação de contingentes exteriores no nosso território, este referente aos últimos quartéis do século II a.C., relacionado com uma baixa percentagem de produtos itálicos nos sítios e com a presença das formas de campaniense A, seguindo-se a integração efectiva do território na hegemonia itálica, levando à intensificação do consumo dos produtos vindos do centro conquistador, falo do aumento da presença da cerâmica campaniense B calena e de outros produtos itálicos, no decorrer do século I a.C., bem como o aparecimento das produções anfóricas do baixo Guadalquivir.

A ocupação romana de Valência corrobora a informação aqui contida, fundada no âmbito das campanhas de Décimo Júnio Bruto na Península Ibérica para a fixação dos soldados romanos licenciados, possui um considerável conjunto de cerâmica campaniense A respeitante à ocupação do sítio durante a segunda metade do século II a.C. A sua associação com alguns fragmentos do tipo B caleno de produção antiga e média, do tipo B etrusco, com fragmentos de ânforas do tipo Grego, Greco-itálico, Dressel 1A, Brindisi e Tripolitana antiga, entre outros e às formas 1 e 2 de Mayet de paredes finas confirmam a sua cronologia de fundação em 138 a.C.

A campaniense do tipo A diminui bastante nos contextos relacionados com o século I a.C., até cerca de 75 a.C., data da destruição da cidade por Pompeio, onde a campaniense do tipo B de Cales é abundante, sob as formas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 de Lamboglia. Integradas nas produções clássica e tardia, estão associadas a ânforas do tipo Dressel 1B, Lamboglia 2 e Maña C1 e C2 (Marín Jordá e Ribera i Lacomba 2001: 246 a 278; Ribera i Lacomba 1998: 36 a 38).

Perante todos estes dados é clara a integração do sítio de Monte Molião no ambiente romanizante que se fazia sentir na Península Ibérica em meados do século II a.C., sendo a cerâmica campaniense presente nos níveis republicanos a prova do início de uma ocupação que perduraria até meados do século II d.C.

Agradecimientos

Este estudo é uma contribuição para o projecto “*Monte Molião na Antiguidade*”, promovido pela UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em parceria com a Câmara Municipal de Lagos.

Aqui gostaria também de expressar o meu agradecimento à Professora Doutora Ana Margarida Arruda, pela orientação, ajuda e conselhos, contribuindo para a feliz concretização deste trabalho.

7. BIBLIOGRAFIA

- Adroher Auroux, A. y López Marcos, A. (1996): “Las cerámicas de barniz negro. II. Cerámicas campanienses”. *Florentia iliberritana: Revista de estudios de antigüedad clásica* 7: 11-37.
- Alarcão, J. de (1974): *Portugal Romano*. História Mundi, nº 33. Lisboa, Editorial Verbo.
- Alarcão, J. de (1988): *O domínio romano em Portugal*. Forum da História. Lisboa, Europa América.
- Arruda, A. et alii (2007): *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do IGESPAR.
- Arruda, A. et alii (2008): “Monte Molião (Lagos): Resultados de duas campanhas de escavação”, in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*. *Xelb* 8:1: 137 a 168. Silves (2007), Silves, Câmara Municipal de Silves.
- Arruda, A. e Pereira, C. (2008): “As ocupações antigas e modernas no Forte de S. Sebastião, Castro Marim”, in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*. *Xelb* 8:1: 365-395. Silves (2007), Silves, Câmara Municipal de Silves.
- Arruda, A.; Pereira, C. e Lourenço, P. (2008): *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca da DGPC.
- Arruda, A.; Pereira, C. e Lourenço, P. (2009): *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca da DGPC.
- Arruda, A. e Pereira, C. (2010): “Fusão e produção: atividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos, Portugal)”, in *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*. *Xelb* 10: 695-716. Silves (2009), Silves, Câmara Municipal de Silves.
- Arruda, A. e Sousa, E. (2011): *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca da DGPC.
- Bargão, P. (2006): *As importações ânforicas do Mediterrâneo durante a época romano-republicana na Alcaçova de Santarém*. Tese de Mestrado apresentada à faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- Bargão, P. (2008): “Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras”, in *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*. *Xelb* 8:1: 169-190. Silves (2007), Silves, Câmara Municipal de Silves.
- Blázquez, J. M. (1988): *Historia de España Antigua. Tomo II. Hispania romana*. Madrid, Cátedra.
- Fabião, C. e Guerra, A. (1994): “As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar): resultados preliminares das campanhas 1990-92”, in *Actas das V Jornadas Arqueológicas. Vol. II: 275-289*. Lisboa (1993), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Fabião, C. (1998): *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Tese de dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.
- Lamboglia, N. (1950): *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana (parte prima: campagna di scavo 1938-1940)*. Bordighera, Istituto Internazionale di Studi Liguri.
- Lamboglia, N. (1952): “Per una classificazione preliminare de la ceramica campana”, in *I Congresso Internazionale di Studi Liguri*: 139-206. Bordighera, Istituto Internazionale di Studi Liguri.
- Lamboglia, N. (1958): “Lo studio della ceramica campana”. *Rivista di Studi Liguri* 24:1-2: 187.
- Luís, L. (2003): *As cerâmicas campanienses de Mértola*. Trabalhos em Arqueologia 27. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- Marín Jordá, C. e Ribera i Lacomba, A. (2001): “Las ceramicas de barniz negro de Cales en Hispania (y las Galias)”, in L. Pedroni (dir.), *Ceramica Calena a vernice nera. Produzioni e diffusioni*: 246-295. Città di Castello, Pedrucci Editore.
- Morel, J.-P. (1978): “A propos des céramiques campaniennes de France et d’Espagne”. *Archéologie en Languedoc* 1: 149-168.
- Morel, J.-P. (1980): “La céramique campanienne: acquis et problèmes”, in P. Levêque e J.-P. Morel (dir.), *Céramiques hellénistiques et romaines*. Annales Littéraires de l’Université de Besançon 242: 85 a 122. Besançon, Presses Universitaires Franc-Comtoises.
- Morel, J.-P. (1981): *La Céramique Campanienne. Les Formes*. 2 vols. Roma, Bibl. Ec. Fr. d’Athènes et Rome.
- Pedroni, L. (dir.) (2001): *Ceramica Calena a vernice nera. Produzioni e diffusioni*. Città di Castello, Pedrucci Editore.
- Pimenta, J. (2005): *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Trabalhos em Arqueologia 41. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- Pinto, I. e Morais, R. (2007): “Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português”, in *Actas del Congreso “Cetariae. Salsas y Salazones de Pescado en Occidente durante la Antigüedad”*. B.A.R. International Series 1686: 235-254. Cádiz (2005), Oxford, Archaeopress.

- Py, M. (dir.) (1993): *Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattara 6. Lattes, Edition de l'Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental.
- Principal, J. e Ribera i Lacomba, A. (2013): *El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina. La cerámica de barniz negro*, in A. Ribera i Lacomba (coord.), *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio Romano 2. Cursos de formación permanente para arqueólogos*. Alcalá de Henares, Museo Arqueológico Regional - Madrid, Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias.
- Ramón Torres, J. (1995): *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona, Universidad de Barcelona.
- Ribera i Lacomba, A. (1998): *La fundació de València. La ciutat a l'època romano republicana (segles II-I a. de C.)*. Estudios Universitarios 71. Valencia, Diputación de Valencia.
- Roca Roumens, M. e Fernández García, M.I. (coords) (2005): *Introducción al estudio de la cerámica romana: una breve guía de referencia*. Málaga, Universidad de Málaga.
- Serra, M. e Sousa, E. (2006): “Resultado das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos)”. *Xelb* 6:1: 5-26.
- Sousa, E. (2009): *As Cerâmicas do tipo “Kuass” do Castelo de Castro Marim*. Cadernos Uniarq. Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Ventura Martínez, J.J. (2000): “La cerámica de barniz negro de los siglos II – I a.C. en Andalucía Occidental”, in X. Aquilué Abadías, J. García Roselló e J. Guitart Durán (coords.), *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C. Centre productors mediterranis e comercializació a la Península Ibérica*. Taula Rodona: 177-215. Empúries (1998), Mataró, Museu de Mataró / Universitat Autònoma de Barcelona.
- Viegas, C. (2009): *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.